

COM QUE LINHAS SE COSE O GÉNERO - A IMPORTÂNCIA DO VESTUÁRIO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO GÉNERO

Ana Patrícia Correia Teófilo

**Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, as
Mulheres na Sociedade e na Cultura**

MARÇO DE 2010

Ana Patrícia Correia Teófilo / Com
que Linhas se Cose o Género – A
importância do vestuário infantil na
construção do género / 2010 -



Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de 2010

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, de de 2010

*Ao meu avô Zé, pelas
histórias na infância.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o Professor Doutor Manuel Lisboa, pelo entusiasmo que me transmitiu sobre os estudos de género, por me ter elucidado sobre as questões metodológicas, por me ter apresentado a pessoas essenciais para este processo, e ainda e sobretudo, por me fazer acreditar que, apesar do meu limitado conhecimento sobre as ciências sociais me inquietar, este não seria um impeditivo para realizar a dissertação.

A todos os professores e professoras do mestrado em *Estudos Sobre as Mulheres*, assim como também a todas e a todos os colegas de mestrado, por partilharem dúvidas e saberes.

À Cristina Duarte pelos debates enérgicos, pelas «visitas de estudo» a bibliotecas e a conferências, e em particular pelos esclarecimentos e emoções partilhadas por este mundo do vestir e da moda. O seu apoio, dedicação e incentivo foram sem dúvida alguma determinantes para a concretização deste projecto.

Ao João Feijão por todos os livros que partilhou comigo, que me emprestou e que trazia da Biblioteca Municipal de Azambuja, mas principalmente pela partilha das ciências sociais e humanas, suas teorias e seus seguidores.

À UMAR por me ter aberto as portas e permitido vasculhar nos seus livros e ainda por me ter possibilitado participar em projectos. As aprendizagens adquiridas foram uma mais valia para este projecto.

Aos meus pais por todo o apoio incondicional: Ao meu pai pelos almoços que me fez, insistindo para que eu parasse de trabalhar e comesse alguma coisa; à minha mãe por me aturar nos dias de inquietação e indecisão e ainda por me dar boleias constantes quando saía fora de horas do mestrado.

À minha irmã Rita pelas correcções e esclarecimentos no texto, e ao Renato pelas perguntas de controlo constantes. Em conjunto fizeram uma dupla de disciplinadores exímia; não esperava deles outra atitude de preocupação.

Às minhas avós e aos seus pares que em conjunto encheram a minha infância de mimos e demonstrações de amor, acreditando sempre nas minhas capacidades.

Aos meus amigos e amigas pelo apoio dado ao longo deste percurso.

RESUMO – ABSTRACT

COM QUE LINHAS SE COSE O GÉNERO

A importância do vestuário infantil na construção do género

*

WITH WHICH ARE LINES DO WE SEW THE GENDER

The importance of children's clothing in the construction of gender

ANA PATRÍCIA CORREIA TEÓFILO

PALAVRAS-CHAVE: vestuário, género, infância

KEYWORDS: clothing, gender, childhood

O vestuário é entendido por muitos, historiadores, teóricos, sociólogos e filósofos, como um espelho que reflecte a sociedade a que pertence. A partir desta premissa muitas outras leituras, analisadas com uma maior profundidade, se podem fazer do vestuário, nomeadamente a divisão do mesmo por género ou ainda por faixa etária. Este é o ponto essencial a partir do qual pretendi desenvolver a minha reflexão, nesta dicotomia do vestuário feminino e/ou masculino e na forma como uma simples indumentária poderá contribuir para a construção de uma identidade de género numa fase específica da vida, a infância.

É sabido que a roupa se encontra dividida em dois grandes grupos: o da roupa feminina e o da roupa masculina. No primeiro grupo, respectivamente, encontramos todo o vestuário feminino destinado somente a ser vestido pelas mulheres, assim ditam as regras sociais fortemente alicerçadas. Reciprocamente também o segundo grande grupo, o do vestuário masculino, tem sofrido o pesar das regras da sociedade.

Esta divisão do vestuário acontece ainda em tenra idade do ser humano, existindo um vestuário próprio para as raparigas e um outro para os rapazes, quando, na verdade, o corpo de uma menina de 3 anos não difere em grande parte de um corpo de um menino da mesma idade.

A família é o primeiro núcleo onde estes estereótipos de género do vestir são passados e alicerçados. Numa construção dicotómica, filhas e filhos têm sido educados de formas diferenciadas para que um dia venha a surtir os efeitos de tais ensinamentos, com a finalidade de se tornarem respectivamente em mulheres e homens no futuro. O vestuário apresenta-se como uma forma de demarcação dessas educações binárias.

A fim de validar de forma empírica este objecto de estudo, foram realizadas entrevistas a um conjunto de pais e mães sobre as suas escolhas no vestuário dos respectivos filhos, tendo em causa uma perspectiva de género.

A permanência de estereótipos de género revelou-se ser um dos principais determinismos a ter em atenção aquando a selecção do vestuário destinados aos filhos por parte dos pais.

Clothing is seen by many historians, theorists, sociologists and philosophers, like a mirror that reflects the society where it belongs. From this premise one can make many other readings about clothing, analyzed it with greater depth, including dividing it by gender or by age. This is the essential point from which I wanted to develop my thinking, this dichotomy of women's and/or male's clothing and how a simple dress can contribute to the construction of a gender identity in a specific phase of one's life, childhood.

We know that clothing is divided into two major groups: the women's clothes, and men's clothes. In the first group we find all the women's clothing designed to be worn only by women, as the social rules strongly grounded dictate. Conversely also the second major group, the men's apparel, has suffered the grief of the rules of society.

This division of clothing happens at an early age of human beings, there is a clothing fit for girls and another for boys, when in fact, the body of a 3 year old girl does not differ largely from the body of a boy of the same age.

The family is the first nucleus where these stereotypes are passed and anchored. In a dichotomous construction, sons and daughters have been educated in different ways so that one day this practice will yield results, in order to become respectively in women and men in the future. The clothing is presented as a form of demarcation of binary educations.

In order to empirically validate this object of study, several interviews were conducted to a group of parents to know more about their choices with the clothes they buy to their children, concerning a gender perspective.

The persistence of gender stereotypes proved to be a major determining factor to keep in mind when parents select clothing for their children.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA.....	1
I. 1. Introdução	1
I. 2. Formulação do problema.....	2
I. 3. Objectivos do estudo	4
I. 4. Hipóteses.....	6
II. DIFERENCIAÇÕES IMPOSTAS – PARA UMA DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS.....	8
II. 1. O vestuário e os condicionamentos no vestir	8
II. 2. A construção social do género	12
II. 3. A infância e a criança unisexo?.....	16
III. O VESTUÁRIO NA CONSTRUÇÃO DO GÉNERO.....	22
III. 1. A mulher como o «belo sexo».....	22
III. 2. Vestuário feminino versus vestuário masculino.....	29
III. 3. O vestuário no teatro social do género	33
III. 4. O rapaz como criança, a rapariga como «mulherzinha».....	36
III. 5. É menino ou menina?	40
IV. METODOLOGIA E MODELOS DE ANÁLISE.....	45
IV. 1. Variáveis em análise.....	45
IV. 2. Determinação da amostra	45
IV. 3. Definição da metodologia e técnicas de observação.....	47
IV. 4. Instrumentos de investigação – análise do conteúdo	48
V. RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO	49
V. 1. O homem alienado do vestuário	49
V. 2. A ida às compras como afirmação maternal	51
V. 3. Cor-de-rosa para a menina, azul para o menino	54
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
ANEXOS	64
Apêndice A: Formulário	64
Apêndice B: Guião da entrevista	64
Apêndice C: Quadro da amostra.....	65
Apêndice D: Entrevistas	66

I. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA

I. 1. Introdução

«Para usar um termo caro a Max Weber, a “relação com os valores” das mulheres, portadoras de uma condição feminina de género, pode divergir da dos seus colegas masculinos, e essa diversidade de interesses de partida enriquece, à entrada, o campo da ciência com outras procuras.»¹

Iniciar o percurso a que me propus no Mestrado em Estudos sobre as Mulheres revelou-se um desafio com repercussões inimagináveis na minha percepção da realidade social do género. Se por um lado fui instigada para este percurso pelas inquietações provocadas por uma consciência de género que em mim se insurgiam, por outro não poderia prever a panóplia de possibilidades de investigação a que poderia dirigir a minha reflexão. A importância do vestuário na construção de uma identidade de género, como temática tida em análise na dissertação, foi a minha escolha.

O trajecto académico que tinha desenvolvido até então determinava as minhas preferências para as tendências do vestir, da experiência da moda como feminina, e ainda dos padrões sociais de beleza em consonância com o género estabelecidos ao longo de séculos de história. O meu foco de estudo estaria assim facilmente encontrado. Porém, limitar as possibilidades de pesquisa de modo a ir de encontro às respostas pretendidas mostrava-se um caminho um pouco mais árduo. A minha inexperiência nas ciências sociais e humanas provocou algumas inseguranças académicas, mas ainda assim não me demoveram. O espírito de cooperação e disponibilidade de diálogo demonstrado por professores e colegas foi precioso.

Uma outra circunstância a destacar diz respeito à confrontação da multidisciplinaridade exposta pelo corpo docente que, conjuntamente com os diversos percursos de formação dos restantes mestrandos, mostrou ser um enriquecimento acrescido numa combinação exímia. Tal peculiaridade permitiu abrir em amplo modo a

¹ ALMEIDA, Ana Nunes de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, col. «Breve Sociologia», Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pág. 17.

percepção do olhar sobre os estudos de género que se têm afirmado nacional e internacionalmente, aguçando simultaneamente uma consciencialização para as realidades das mulheres em tempos e espaços diversos.

Em consequência desta dinâmica, procurei com esta dissertação fazer notar na exposição teórica múltiplos pontos de vista, fruto de áreas de conhecimento distintas, não aspirando limitar-me somente à sociologia, à filosofia, à história, à literatura, ou até outras, mas englobar estas várias disciplinas num todo. Pretendi, continuamente, em todas elas, ter em panorama uma perspectiva feminista crítica dos padrões patriarcais a que a nossa sociedade está sujeita.

Tornou-se necessário fazer realçar no decorrer destas páginas a importância cada maior que os estudos sobre as mulheres, os estudos feministas e de género adquiriram nas últimas décadas, sobretudo no mundo ocidental. Contudo, estes poderão confundir-se ao longo da dissertação, pois em muitos deles há um ponto em comum de pertinente interesse, a presença do questionar sistemático de uma realidade em que a mulher é apresentada como o «segundo sexo».

I. 2. Formulação do problema

«O homem tem a mão livre para empunhar a espada, a mulher vê-se obrigada a usar a sua para impedir os cetins de lhe descaírem dos ombros. O homem olha de frente para o mundo (...) A mulher deita-lhe um olhar enviesado. Se usassem os dois as mesmas roupas, é possível que a sua visão do mundo fosse a mesma.»²

O vestuário é entendido por muitos, historiadores, sociólogos e filósofos, como um espelho que reflecte a sociedade a que pertence. A partir desta premissa muitas outras leituras, analisadas com uma maior profundidade, se podem fazer do vestuário, nomeadamente a divisão do mesmo por género ou ainda por faixa etária. Este é o ponto essencial a partir do qual pretendi desenvolver a minha reflexão, nesta dicotomia do

² Woolf, Virgínia. *Orlando – uma biografia*, Biblioteca de editores Independentes, Relógio de D'Água Editores, Lisboa, 2007, pág. 133.

vestuário feminino e/ou masculino e na forma como uma simples indumentária poderá contribuir para a construção de uma identidade de género numa fase específica da vida, a infância.

É sabido portanto que a roupa se encontra dividida em dois grandes grupos: o da roupa feminina e o da roupa masculina. No primeiro grupo encontramos todo o vestuário feminino destinado somente a ser vestido pelas mulheres, não querendo dizer com isto que estas peças de roupa, ditas femininas, não servissem em muitos dos casos, ergonomicamente falando, num corpo de homem. Porém, independentemente de servirem num corpo de um qualquer homem, para que tais roupas femininas apenas sejam usadas pelas mulheres, as regras dos comportamentos sociais têm sido de tal forma reafirmadas ao longo da história que não há hipóteses de dúvida. Reciprocamente também o segundo grande grupo, o do vestuário masculino, tem sofrido o pesar das regras da sociedade que indicam que estas roupas sejam usadas apenas por homens, mesmo que, sirvam num corpo de mulher.

Torna-se de igual forma pertinente apreender que esta divisão do vestuário acontece ainda em tenra idade do ser humano, existindo um vestuário próprio para meninas/mulheres e um outro para meninos/homens, quando nomeadamente o corpo de uma menina de 3 anos não difere em grandemente de um corpo de um menino da mesma idade.

Entendo assim, ser de relevante importância perceber, descortinando as envolvências familiares do privado, hábitos familiares de consumo e estereótipos de género que lhe estão associados, de que forma é que são veiculadas às crianças estas regras comportamentais que irão acompanhá-las, possivelmente, ao longo de toda a vida, independentemente das mesmas normas sociais do vestir serem seguidas ou quebradas. Em suma perceber de que modo é que os pais pretendem salientar, ou noutro sentido reduzir, o género dos seus filhos através da roupa.

Para perceber se o vestuário infantil se encontra dividido em dois grupos, de acordo com o sexo da criança, com o objectivo de alimentar continuamente os estereótipos de género, torna-se muitas vezes necessário compará-lo ao «vestuário dos adultos». Isto porque em certos períodos históricos o vestuário das crianças não diferia daquele que era destinado aos adultos, as crianças pareciam adultos em miniatura, usando os mesmos cortes, acabamentos, cores das vestes. Em outras épocas porém, como irei aprofundar nos capítulos seguintes, a infância afastou-se do mundo dos

adultos visionando-se tal facto no vestuário infantil. Há ainda outra observação a considerar: por vezes o vestuário infantil distinguia mais fortemente o género das crianças (meninas ou meninos) do que em outras épocas consoante os valores da respectiva sociedade. O vestuário destinado às crianças tem características várias (de cor, corte, estilo) que têm vindo a ser alteradas ao longo dos tempos, alterações essas que não divergem muito das que são impostas ao vestuário dos adultos.

Como ponto de partida da minha reflexão, terei então de perguntar **qual tem sido a função do vestuário na construção do género? E se tem sido ele um dos principais alicerces da dicotomia feminino/masculino?** Sem dúvida que a roupa tem servido outros fins do que somente o de nos cobrir o corpo para nos proporcionar protecção, certamente que sim, mas, quais têm sido esses fins e de que modo eles se transmitiram pelo vestuário nesta abordagem sobre o género? E mais importante ainda, como se têm transmitido as diferenças e construções de género às crianças através do vestuário infantil? Será que o vestuário infantil ainda tem uma função educacional de género nesta época contemporânea em que se quer crer que essas distinções estão cada vez mais esbatidas? De certa forma esforçamo-nos para que os estereótipos sejam atenuados, contudo, o vestuário poderá, coloco eu a hipótese, funcionar como um dos vários estabilizadores sociais de género que teimamos em manter, quiçá na tentativa de conservarmos alguns valores sociais que tomamos como seguros. Será realmente assim?

Deparo-me ainda com outras questões relativas ao vestuário destinado à infância: são os pais os principais condutores das regras sociais que ditam aquilo que os seus filhos devem ou não vestir consoante o género? Existe uma roupa «própria» para as meninas e outra para os meninos na época actual? E de que forma as crianças assimilam tais normas?

I. 3. Objectivos do estudo

Nesta análise é sempre tido em destaque que as imposições na forma de vestir próprias de cada género, feminino e masculino, são fortes e bem alicerçadas. É certo que estas fundações são transmitidas ainda como recém-chegados ao mundo, como procurarei demonstrar posteriormente. No intuito de desvendar estas características do acto do vestir, antes de mais foi necessário constituir um quadro teórico especializado

resultante das leituras efectuadas sobre as temáticas aqui abordadas: Vestuário, Género e Infância. Estas três temáticas pretenderam mostrar-se em conexão, cruzando conceitos e fazendo salientar a forma como estas dimensões se reflectem entre si, se apropriam e se moldam mutuamente.

Por outro lado, achei necessário perceber empiricamente de que forma são alicerçadas as imposições do vestir e se a família é o grande motor desta dinâmica, transmitindo às crianças as normas estipuladas de acordo com o género. Questionar pais e mães sobre o assunto pareceu-me o mais apropriado, afim de perceber a dinâmica de passagem de estereótipos de género de pais para filhos, numa fase tida como essencial na vida, a infância.

Em consonância com estes aspectos, defini como principal objectivo desta investigação a verificação da produção e reprodução de determinados estereótipos de género no vestir associados à fase da infância, tendo presente que alguns deles têm sido reafirmados ao longo dos séculos. Como instrumento de investigação utilizo o vestuário infantil, e em consequência, tento perceber se a roupa destinada à infância constitui ou não um meio para atingir um fim; numa tentativa para perceber o início dos ensinamentos sobre o vestuário enquanto somos apenas crianças, e de que forma deixam as suas marcas enraizadas nos indivíduos em constante crescimento e aprendizagem.

Mais do que uma reflexão sobre o vestuário infantil consoante o género, trata-se de uma investigação que procura ir ao encontro daquilo que a sociedade, especificando os pais, procura estabelecer como sendo a indumentária correcta de acordo com o «sexo que temos inscrito no corpo»³, mesmo quando essas regras implicam a manutenção de estereótipos de género infundados e descabidos.

Parto assim do princípio de que a sociedade está realmente dividida em dois sexos que nos levaram a construir dois géneros em função dos mesmos. Não que tenha como garantido este determinismo, uma vez que novos estudos colocam em causa o mesmo revelando variáveis, mas porque ao colocar esse determinismo em causa seríamos levados a envergar por outras tantas questões, levantadas nomeadamente por Butler, que aqui não podem ser respondidas. O que pretendo sim questionar é o facto de

³ Expressão utilizada por Alice Marques para caracterizar o processo de atribuição do género a uma criança consoante o sexo que se afigura no corpo. MARQUES, Alice (2004). *Mulheres de Papel, Representações do corpo nas revistas femininas*, col. «A mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.

que, mesmo que a sociedade esteja sexualmente dividida em homens e mulheres tal como nos fazem crer, tal facto não implica que se estabeleça necessariamente um género feminino associado à mulher ou masculino ao homem, e que essa fundamentação implica uma multiplicidade de regras de conduta e comportamentos redimensionados na forma de vestir.

A família é possivelmente o primeiro núcleo onde estes estereótipos de género do vestir são passados e alicerçados. Numa construção dicotómica, filhas e filhos têm sido educados de formas diferenciadas para que um dia venham a surtir os efeitos de tais ensinamentos, com a finalidade de se tornarem, no futuro, respectivamente mulheres e homens. Ainda que tal circunstância possa, na época presente, ocorrer de forma mais subtil em relação a tempos passados, vejo como necessário analisar com rigor tal particularidade a fim de que esta fique comprovada, ou pelo contrário, seja desmistificada.

I. 4. Hipóteses

Foi construído, em função do problema exposto, um quadro de hipóteses afim de serem verificadas do ponto de vista empírico no desenvolver da investigação. As hipóteses formuladas serviram sobretudo como guias de orientação, não significando, no entanto, que, ao definir as mesmas caíssemos num processo rígido que nos impedisse de expandir a busca de dados ou até de encontrar respostas para além das que comprovassem as hipóteses anteriormente definidas.

Hipóteses inicialmente formuladas:

- O vestuário e os cuidados com o mesmo têm sido associados ao feminino, encarados como tarefas próprias da mulher, pois muitas vezes ouvimos dizer que as mulheres vivem para comprar roupa. Engomar, arrumar e organizar a roupa fazem parte de um leque vasto de tarefas atribuídas ao sexo feminino. Esta particularidade, em conjunto com a visão maternal conferida à mulher, que implica uma afirmação através dos cuidados tidos para com os outros, constituem uma combinação perfeita de estereótipo de género que implicará que seja a mãe a escolher maioritariamente a roupa dos seus filhos e filhas.

- Os homens ainda têm algum receio em demonstrar interesse pela aquisição de vestuário para os seus filhos, recorrendo a motivos estereotipados como o de não possuírem habilidades para tal tarefa, ou o de ser uma missão de que as mulheres são mais sabedoras.

- Rapazes e raparigas são vestidos distintamente em função do sexo, havendo uma dicotomia fortemente alicerçada em que um conjunto de simbologias específicas constitui um universo masculino destinado ao menino e, por sua vez, um outro conjunto oposto às meninas.

- As diferenças detectadas no vestuário infantil, dividido em masculino e feminino, são fruto dos estereótipos de género que padronizam modelos e formas de estar em função do sexo. Estas divergências inscritas no vestuário têm como objectivo salientar e reforçar a ideia de que homens e mulheres são seres opostos e binários. Como tal devem desempenhar papéis sociais distintos com repercussões sociais nas mais diversas áreas.

- Ao contrário daquilo que se quer veicular na contemporaneidade, que meninas e meninos são perspectivados como seres iguais na infância, a forma como os vestimos, lhes falamos e os percebemos irão demarcar os diferentes papéis de género que no futuro assumirão

- O vestuário é um dos mais inabaláveis pilares na construção diferenciada do género, salientando as diferenças entre os sexos ou ainda acrescentando outras à partida inexistentes.

II. DIFERENCIAÇÕES IMPOSTAS – PARA UMA DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS

II. 1. O vestuário e os condicionamentos no vestir

«Para a humanidade, o vestir-se é pleno de um profundo significado, pois o espírito humano não apenas constrói o seu próprio corpo como também cria as roupas que o vestem, ainda que, na maior parte dos casos, a criação e confecção das roupas fique a cargo de outros. Homens e mulheres vestem-se de acordo com os preceitos desse grande desconhecido, o Espírito do Tempo.»⁴

Quer se tenha por suporte de informação uma revista, uma pintura ou uma descrição escrita, jamais se pode colocar de lado o importante condicionamento de que os povos se vestem em concordância com hábitos e costumes da sociedade em que vivem, quer sejam homens ou mulheres, em idade adulta ou em idade jovem. Os condicionamentos e regras impostas no âmbito do vestir são tão consistentes e vigorosos que parecem naturais da vivência humana quase que inquestionáveis.

O vestuário funciona assim, tal com a lei, casamento ou religião, como uma estrutura social que P. Berger designa de «instituição» e que, segundo o mesmo autor, regula e padroniza o comportamento humano no sentido em que homens e mulheres são orientados a percorrer a trilha desejada pela sociedade; somos projectados a vestirmo-nos de um determinado modo em detrimento de um outro qualquer que tenha a função simples de nos cobrir o corpo. Uma mulher, numa qualquer idade, veste-se de acordo com aquilo que lhe é imposto, tal como um homem o faz em igual jeito.

Ainda que queiramos escapar a estas imposições, ou que julguemos que as mesmas não são assim tão veementes, a realidade é que ao fugir-lhes podemos cair na desaprovação social e consequentemente na exclusão por parte de outrem. O que acontece em muitos dos casos é que o sentimento de pertença por parte de um indivíduo relativamente a um determinado grupo exige que a roupa esteja em sintonia com os seus pares.

⁴ Köhler, Carl (2005), *História do Vestuário*, Martins Fontes, São Paulo, pág. 58.

Contudo, não quer isto dizer que não tenhamos como escolha abrir um pouco mais, ou até fechar, o nosso leque de opções, será a nossa liberdade de escolha que determinará que amplitude lhe damos dentro da possível ou permitida, mas ainda assim os limites de extensão desse leque estão longe de desaparecerem, estão lá e permanecerão em muitas das circunstâncias; no caso de forçarmos o leque em demasia certamente teremos como desfecho um leque partido, e em que o custo de tal conserto poderá ser deveras dispendioso. A sociedade estabeleceu para nós o tipo e o estilo de leque com que nos abanamos e em suma foi-nos fornecida a *priori* as linhas com que nos cozzemos.

Na consequência deste condicionamento compreende-se que seja problemático fugir ao mesmo num anular de regras sociais. Se os costumes da sociedade em que se vive ditam a divisão da roupa, em feminina e masculina, é uma grande dificuldade que tais hábitos sejam quebrados. Ainda que queiramos vestirmo-nos de manhã de acordo com o sexo oposto quebrando assim regras sociais «a resistência intelectual àquilo que a sociedade aprova ou proíbe adianta muito pouco, na melhor das hipóteses.»⁵

Deste modo, através de tais imposições, o vestuário exerce muito bem uma das principais funções que lhe foi destinada, que não se pense tratar-se somente a de nos proteger o corpo do frio, do calor, ou das envolvências ambientais, mas sobretudo, a de envolver o corpo humano num conjunto de hábitos conferindo-lhe uma identidade social. O Vestuário é assim um dos mais eficazes modos para se conhecer uma sociedade, pois este é fruto da mesma e, por sua vez, também ele deixa o seu cunho.

Umberto Eco refere-se a estes constrangimentos do vestir como algo de bem alicerçado e estruturado, tal como uma entidade quase intocável em que o ser humano é «sancionado» ou «incentivado» conforme a escolha do seu guarda-roupa que deve estar em consonância com a aquilo que a sociedade espera:

«A indumentária assenta em códigos e convenções, muitos dos quais fortes e intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos, tais como levar os utentes a ‘falar de modo gramaticalmente correcto’ a linguagem do vestuário, sob pena de ser banido pela comunidade.»⁶

⁵ BERGER, Peter I. (1994). *Perspectivas Sociológicas*, Petrópolis: Vozes.

⁶ Eco, Umberto (1989), «O hábito fala pelo monge», *Psicologia do Vestir*, nº 1, col. «Arte e Produção», Lisboa: Assírio e Alvim.

Porém, apesar de existir um sistema, de «sanções» e «incentivos», em que as regras em muitos dos casos são fortes e consolidadas, é sabido que o vestuário também entra em ruptura, renovação e desgaste, pois, como em qualquer conjunto de normas sociais, lhe está intrínseco uma sequência de desacertos, de cânones mal consolidados a que Umberto Eco denomina de «códigos fracos», em oposição aos «códigos fortes» e «imperantes». São precisamente estes desacertos que provocam a ruptura; uma mutação constante em que preceitos passados dão lugar a novas formas de vestir, sempre com normas bem assentes, em prol das exigências da sociedade que lhes está associada. É ainda preciso ressaltar que tais modificações nas regras do vestuário não implicam a abolição das mesmas ou que estas passem a ser menos impositoras quanto as suas precursoras, significa essencialmente uma mudança dos valores sociais ou daquilo que se quer enaltecer ou minorar na sociedade.

Estas transformações no vestuário, e que na sociedade actual passaram a ser uma constante, são os elementos chave que dão sentido à moda e constituem a principal característica que a distingue do traje. A moda alimenta-se do fugaz, da mudança incessante e da instabilidade dos «códigos fracos» que ao perscrutar o vestuário encontra. Cristina Duarte define com precisão aquilo que a moda representa na actualidade:

«A relação entre o ritmo temporal e o traje dá origem à moda, tal como actualmente a conhecemos. A persistência do traje no tempo foi vencida pelo carácter efémero da moda.»⁷

Ora as mais drásticas revoluções sociais ao longo dos tempos, assim como a Revolução Francesa ou o impacto da Primeira Grande Guerra, corresponderam a uma análoga revolução na moda do vestir. Na contemporaneidade, precisamente por vivermos um período, que se tem vindo a delinear desde a Revolução Francesa, em que as revoltas e as apontadas crises sociais se sucedem consecutivamente, a moda encontrou o seu espaço ao sol. Numa época em que se experiencia e em que os papéis sociais se tornaram mais exigentes, similarmente a moda desenvolve-se, brinca com os estereótipos desconstruindo-os, num sentido, e num outro reproduzindo-os. Assim, o vestuário e as modas acompanham os tempos históricos tanto nas suas mutações e

⁷ DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*, col. «O que é», Lisboa: Quimera, pág. 23.

rupturas como no estabelecer de normas sociais. A transmissão destas normas que nos são inculcadas logo nos primeiros anos de vida, a que corresponde o período da infância, fazem parte de todo um ritual de introdução na sociedade e constituem assim uma fase essencial que vejo necessário nesta investigação perscrutar.

Os contactos primários que cada ser humano estabelece com a roupa são orientados pelos seus pais naquilo que lhe dizem o que deve ou não usar. A forma como as crianças apreendem o universo do vestuário e as suas imposições é introduzida como fazendo parte das práticas naturais, tal como a hora da refeição, do dormir, ou da brincadeira. O vestuário, assim como também as práticas que o envolvem e os ensinamentos acerca do mesmo, faz parte do dia-a-dia de um recém-nascido. Esses códigos são passados, muitas das vezes, pelo núcleo de pessoas mais próximas, familiares, avós ou educadores e começam desde logo cedo a ser transmitidos com pequenas indicações ou referências: «Primeiro vamos vestir a camisa e depois o casaco por cima», enquanto um familiar veste o bebé indicando-lhe deste modo que existe uma sequência correcta a ser seguida; «Ah que feia, estas a sujar-te toda!» denotando no tom de voz que tal comportamento é inapropriado e até mesmo sancionado; «Os sapatos são para estar nos pés» indica inúmeras vezes um pai ao seu filho até que o mesmo perceba que, apesar dos sapatos lhe magoarem, é exigido que se mantenha calçado.

Apesar de as crianças terem, cada vez mais cedo, o poder de decisão sobre a selecção da sua roupa face às opiniões dos pais, ainda assim, não quer isto dizer que estejam libertas de indicações por parte de outrem, pois estas advertências existem ao seu redor veiculadas quer pelos educadores no infantário, quer pela televisão sempre presente no espaço privado familiar, quer ainda pela quantidade de informações que lhes chegam mesmo sem sair de casa indicando-lhe as modas que estas devem seguir. É precisamente este ritmo das modas (ou da moda) na sociedade actual, de tal ordem frenético e arrebatador, que não se limita a pertencer somente ao espaço público sendo um intruso no privado, que seduz todos inclusive as crianças. A informação, é sabido, chega cada vez mais rápido e em maior quantidade às crianças, e as modas, ditando aquilo que elas devem usar, é cada vez mais persistente tentando cativar um público cada vez mais em tenra idade: as personagens de animação, os bonecos com que brincam, as cores das publicidades dedicadas às crianças, constituem um conjunto de estímulos que procuram veicular gostos e modos de estar.

II. 2. A construção social do género

«É seguro que, desde o momento em que somos sabidos como um ser com sexo biologicamente definido, começamos a ser socializados/as para nos tornarmos o que se espera que sejamos, de acordo com o sexo que temos inscrito no corpo. À nossa chegada já está tudo preparado para nos receber como um forte rapagão ou como uma linda menina.»⁸

Entende-se, nesta investigação, o género como algo construído socialmente ao longo dos tempos. É certo que existem diferenças biológicas, assim como genéticas, neurológicas, endócrinas e psicológicas entre pessoas de sexo diferente, entre homens e mulheres. Mas estas diferenças que a ciência tem feito questão de salientar e que, de certo modo, têm sido usadas para argumentar e justificar os diferentes papéis sociais dados à mulher e ao homem, podem não ser assim tão opostas. Novos estudos têm sido desenvolvidos pondo em dúvida aquilo que mais temos como certo, o facto de que homem e mulher são dois seres distintos e opostos numa visão dicotómica completamente inabalável. Ninguém duvida de que os órgãos genitais são diferentes entre homens e mulheres, assim como também, o sistema de reprodução se assume de formas diferentes no corpo da mulher e do homem, tendo sido a ciência o principal defensor desta tese.

Apesar deste cenário, tais distinções não justificam os dicotómicos papéis de género, pois estes foram simplesmente traduzidos de forma a salientar ainda com maior veemência as diferenças biológicas dos dois sexos. Aquilo que acreditamos ser a natureza feminina ou masculina, pertencentes respectivamente à mulher e ao homem, não é um dogma assente de igual forma em todas as culturas. Em certas civilizações, e em diferentes tempos cronológicos, aquilo que era/é ser mulher ou homem difere, tal como um ser alterável que descarta algumas características para dar lugar a novas, renovando-se, construindo e desconstruindo-se consoante a cultura em que está inserido e de acordo com as suas exigências.

⁸ Marques, Alice (2004). *Mulheres de Papel, Representações do corpo nas revistas femininas*, A mulher e a Sociedade, Lisboa: Livros Horizonte, pág. 14

Características que são consideradas como sendo próprias das mulheres, tal como o nível de doçura e passividade, poderão ser apreciadas com maior zelo em determinadas culturas relativamente às suas análogas, assim similarmente aquilo que é considerado como sendo uma mulher bela numa devida cultura poderá ser o oposto em uma outra. À mulher facilmente associamos, ao longo dos tempos, características emocionais, de fragilidade, de maternidade, de romantismo irracional, de histerismo ou ainda de ligação à beleza, ao fútil e supérfluo, pois, a mulher é um ser caprichoso e dependente, dizem-nos muitas vezes os sábios filósofos. Os exemplos sucedem-se continuamente. A feminilidade associada ao sexo feminino parece deste modo não ter uma essência tão bem alicerçada como se quer acreditar, nem estar definida de igual forma para todas as épocas e culturas.

O mesmo raciocínio se pode aplicar à essência masculina associada ao homem que por vezes é entendida como mais ou menos agressiva conforme a cultura em análise. Ao homem confiamos a razão, a sabedoria e a inteligência, o espírito empreendedor na criação de grandes obras, a independência e a força, e ainda, o poder de decisão sobre todas as vidas humanas, assim tem sido ao longo dos tempos e assim nos é reafirmado pela parte da história que nos é transmitida.

Portanto, existe uma construção social daquilo que é ser mulher e homem para cada cultura e para cada época, isto é, ser mulher ou homem não é *per si* uma concepção essencialista, de tal forma, que o achamos tratar-se de uma essência feminina ou masculina, não é mais do que aquilo que a sociedade nos levou a crer como sendo o correcto e único modelo possível de ser reproduzido.

Todavia, as características a que ambos os sexos estão amarrados não significam que lhes pertençam na realidade, mas, na construção social e cultural que se efectuou é assim que homens e mulheres se vêem e são vistos entre si. Ainda que pensemos que «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» e que a nossa sociedade é já um exemplo de modelo de igualdade de género, a verdade é que modificar estereótipos que têm raízes profundas não é tarefa fácil. A desconstrução de dogmas sociais como este, tidos como o único paradigma imaginável, implica uma reflexão constante que se revela morosa e problemática. Porventura somente nas gerações futuras poderemos colher o verdadeiro fruto da igualdade de géneros na sociedade, porém, na actual, não nos iludamos ao pensar que a sociedade ocidental é já um modelo igualitário. Refiro-me ao mundo ocidental, não por este ser um modelo de perfeição, mas por este ser o que mais

tem fomentado uma reflexão sobre estas questões, pois em alguns outros pontos geográficos este assunto está longe de ser equacionado.

No caso ainda de optarmos por desafiar as regras de género impostas na sociedade, quiçá numa atitude empreendedora desobstruindo caminhos e desconstruindo doutrinas infundamentadas que tendem a permanecer, tal conduta poderá tornar-se um percurso doloroso, uma vez que a sociedade, assim como refere Giddens, espera que representemos o nosso papel social, quer como homens, quer como mulheres, de forma exemplar e sem espaço a equívocos.

«A socialização do género é evidentemente muito forte e desafiá-la pode ser incómodo. Uma vez ‘conferido’ um género, a sociedade espera que os indivíduos desempenhem a sua função como ‘homens’ e ‘mulheres’. É no quotidiano que estas expectativas se cumprem e se reproduzem.»⁹

Salienta assim Giddens o importante aspecto do quotidiano como um espaço crucial onde os papéis de género se realizam; defende que é no dia-a-dia que constantemente impomos aos outros e a nós próprios a representação perfeita destes papéis, desde do espaço público do emprego ao espaço privado e familiar; na forma como nos relacionamos e nos damos a conhecer.

O sociólogo menciona ainda que a própria aparência e comportamento dos actores, como homens ou mulheres, é encenada de acordo com a identidade sexual que lhes foi atribuída. O vestuário assume-se assim como sendo um factor importante na criação do aspecto do género, portanto cada género tem a sua aparência bem delineada num dualismo que é constantemente reforçado: «se uma pessoa não for “realmente” um homem, então tem de ser uma mulher»¹⁰. Todavia, apesar deste determinismo dicotómico, Giddens aponta que é bastante mais interessante analisar a circunstância ambígua em que as sociedades modernas permitem à mulher cultivar um aspecto por vezes semelhante ao dos homens, o que inversamente, diz-nos, não é consentido. De certo modo, quando os homens assumem um aspecto ligeiramente feminino colocam

⁹ Giddens, Anthony (2008). *Sociologia*, Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pág. 111.

¹⁰ Giddens, Anthony (1996). Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, col. «Sociologias», Oeiras: Celta, pág. 139.

em causa um alicerce deveras enraizado como o da masculinidade e o de ser-se «homem com H maiúsculo» que, por sua vez, implica um comportamento homofóbico e uma recusa total da feminilidade.

É uma realidade assente de que no pós Primeira Guerra Mundial começou a ser permitido às mulheres, tal como já foi mencionado anteriormente, a adopção de um comportamento dito masculino ou de um aspecto conotado como arrapazado, lembremo-nos das *flappers*, das *garçonnes* ou das *joãozinho*, conforme os países em que se assumiram. Ainda assim, os elementos conotados como femininos permanecem; podem mudar-se as silhuetas mas mantêm-se os acessórios; cortar-se o cabelo mas manter a exigência de cuidados para com este. Giddens dá-nos ainda o exemplo de como uma mulher que rejeite assumir-se feminina poderá ser frequentemente molestada:

«Não uso vestidos nem maquilhagem, nem carteira, nem adopto comportamentos mais femininos. O meu namorado disse-me que é essa a razão pela qual sou desvalorizada pelas pessoas, e sei que sim, mas recuso-me a ser de outra forma. Não me sentiria confortável com um vestido. Não podia sentar-me como estou sentada. Tinha de andar de determinada maneira. E a maquilhagem é uma chatice.»¹¹

Restam assim poucas dúvidas de que homens e mulheres têm sido vistos de formas distintas, vestidos e educados de diferentes modos, têm ainda desempenhado profissões divergentes com o objectivo de salientar com rigor as diferenças dos sexos. Similarmente, também as expectativas criadas aos olhos dos outros são distintas quando se trata de uma mulher ou de um homem. Tendo em conta que quando existe uma expectativa social o não cumprimento dessa levará à desilusão por parte de outrem, consequentemente à rejeição e à exclusão, dificilmente alguém representará o seu género de maneira errada, pois a necessidade de pertença e de reconhecimento social é algo muito importante.

As crianças aprendem este jogo de expectativa/desilusão muito cedo aquando dos primeiros relacionamentos com as pessoas que as envolvem. As pessoas que lhe são mais próximas começam desde logo a criar expectativas naquilo que esse novo ser será

¹¹ Exemplo apresentado pelo sociólogo Anthony Giddens no respectivo livro referido na nota anterior, e em igual página.

no futuro e esperam que este cumpra o seu papel social com exímio empenho, nomeadamente o seu papel de género, que estará em consonância com o seu sexo. Deste modo, no caso de haver algum desvio na representação do papel que lhe foi atribuído, a criança percepcionará nos pais (ou em outras pessoas que façam parte do seu núcleo de proximidade) a desilusão que provocou. O que certamente fará com que se empenhe com mais impetuosidade na representação do seu papel de género. Por outro lado, o género é-lhe passado como algo seguro e natural, esta dinâmica é-lhe incutida por parte de crianças e adultos, uma vez que dentro do próprio núcleo familiar essas distinções se afirmam, entre pais e mães, filhas e filhos, meninas e meninos.

II. 3. A infância e a criança unisexo?

A divisão da sociedade em faixas etárias tornou-se tão meticulosa como a divisão por classes no Antigo Regime.¹² A idade do indivíduo tornou-se um elemento fundamental na diferenciação e divisão por categorias, em crianças, adultos e idosos, sendo que a cada uma destas estão relacionados benefícios específicos, tarefas a desempenhar e exigências que esperam concretizadas. À criança em particular é-lhe atribuído um conjunto de tarefas que deve cumprir, como aprender a tornar-se um adulto ou ir à escola, comportamentos estes que estão, em muitos dos casos, ligados ao estatuto de aprendizes. Existe assim um conjunto de determinismo ligado ao ser criança e à infância que tem as suas implicações no modo como esta se relaciona com os outros, na sua maneira de estar e na forma com os outros a interpretam. Segundo a socióloga Ana Nunes de Almeida, a criança é dimensionada na nossa sociedade numa categoria bem fundamentada que lhe dá o seu traço de distinção, em relação às restantes.

«...Para a sociedade, a infância constitui um sistema, uma ordem em larga escala, com estabilidade e determinismo – tal como a ‘ordem da classe’ ou a ‘ordem do género». Em suma, a infância constitui uma geração.»¹³

¹² Visão partilhada por Philippe Ariès (1988) no seu livro *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, col. «Antropos». Lisboa: Relógio d'Água.

¹³ ALMEIDA, Ana Nunes de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, col. «Breve Sociologia», Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pág. 35.

A autora aponta ainda que esses traços estão centrados sobretudo em duas grandes questões: o «trabalho» na escola, separado do mundo do trabalho dos adultos, e a categorização de seres dependentes na estrutura geracional. Não se trata somente de uma dependência económica relativamente aos adultos, mas também e sobretudo, da visão do adulto que incide sobre a criança definindo-a como tal. A criança é compreendida como um ser inapto e sem suficientes capacidades para falar por si. Neste caso será o adulto que assumirá a função de falar em nome da criança, sendo estes códigos transmitidos sobretudo no domínio familiar.

A família é o seio onde esta concepção de dependência se reveste e se fortifica, revelando poderes distintos numa relação entre pais e filhos, cabendo aos progenitores a detenção da autoridade e a transmissão do modelo a ser seguido. Mesmo que nos dias de hoje esta relação de poderes esteja a ser balanceada, ou que os filhos contestem desafiadora e perspicazmente os ensinamentos dos seus pais, ou ainda, que as famílias, quer pelas separações ou divórcios, se tenham tornado um centro de negociação de afectos e compromissos, é certo que os padrões familiares tradicionais ainda teimam em perdurar.

Neste domínio familiar é ainda entregue às crianças/filhos o papel de seres dependentes e inacabados face aos adultos/pais, seres aptos e estáveis. Em concordância com este factor, cada um desempenha a função de aprendiz e disciplinador respectivamente, num reviver paternalista da concepção dos filhos como representantes do nome da família e dos seus valores. Apesar das várias mutações em que a família se viu enredada no último século, debatendo-se as habituais relações entre pais e filhos, os alicerces tradicionais são ainda perspectivados como estáveis, pois, tal «como o género, o parentesco foi visto em tempos como um facto adquirido, um conjunto de direitos e de obrigações criado pelos laços biológicos e matrimoniais»¹⁴ e sendo assim, a desconstrução de tais convicções revela-se problemática e morosa.

Cristina Ponte¹⁵ evidencia como este conceito da criança dependente em comparação ao adulto autónomo capitula numa congeminência paradoxal no contexto actual. Num sentido a criança é percebida como um ser incompleto e em constante mudança, provocando no adulto sentimentos de protecção e controlo. Em sentido

¹⁴ Giddens, Anthony (1996). *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, col. «Sociologias», Oeiras: Celta, pág. 67.

¹⁵ Professora no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa.

antagónico é expectável que se venha a tornar num adulto independente, apesar de lhe ser impossibilitado uma sustendo económico que a torne autónoma.

É sabido que o trabalho infantil num alcance económico foi, ao longo do decorrer do século XX, encarado como inadmissível, passando a criança a ser perspectivada numa «dimensão afectiva e simbólica»¹⁶. Todavia, há um conjunto de trabalhos infantis que são considerados toleráveis e, mesmo não havendo um consenso sobre o que é aceitável ou não, movem indústrias rentáveis implicando quantidades avultadas de dinheiro. O caso da indústria cinematográfica que envolve crianças de todas as idades, inclusivamente bebés recém-nascidos, ou ainda, dos concursos de beleza femininos para jovens meninas com enorme sucesso nos Estados Unidos, que segundo Cristina Ponte padronizam o ideal de beleza feminina, do ponto de vista corporal e do modo de estar, constituem dois exemplos de como o poder simbólico das crianças mobiliza todo um conjunto de agências.

Um outro aspecto curioso de analisar no que diz respeito ao trabalho infantil encarado como aceitável é verificar que em alguns dos casos existe *a priori* uma divisão por género, nomeadamente no que respeita aos concursos de beleza destinados somente às raparigas, em que as mesmas se aparentam como uma miss numa versão miniatura, reproduzindo mais uma vez o estereótipo de que a beleza é uma preocupação e necessidade de realização pessoal somente feminina.

Estas divisões na infância consoante o sexo da criança transpondo-as para categorias de género, quer veiculadas pelo núcleo familiar quer por outras entidades sociais, salientam de forma inequívoca como os ensinamentos do século XVIII deixados por Rousseau, que perspectivam uma educação diferenciada da criança em função do sexo com o objectivo de, futuramente, desempenharem desiguais actividades, perduram até aos dias de hoje.

Jean-Jacques Rousseau, uma das figuras que inspirou as Revoluções Liberais da sua época e que muito teorizou sobre o ensino infantil, deixou nos seus escritos uma minuciosa proposta da educação que deveríamos transmitir aos meninos, em notória oposição a que deveria ser transmitida às meninas. Rousseau aludiu que, em sintonia com aquilo que ele acreditava ser a natureza de cada uma dos sexos, os conhecimentos

¹⁶ PONTE, Cristina (2005). Crianças em Notícia – A construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pág. 37.

de Literatura, de Filosofia e de Ciências, assim como também, a aprendizagem voltada para uma vida pública deveriam ser actividades evidentemente destinadas aos meninos. Em oposição a esta instrução caracterizada pelo destaque dado à componente intelectual, situava-se uma outra dissidente designada às meninas, com um maior carácter prático. Às raparigas caberia assim uma educação longe dos livros que de nada lhes serviria no futuro, acreditava Rousseau, dando-se antes privilégio à aprendizagem da costura e das lidas domésticas com o objectivo de as preparar devidamente para o papel que deviam ocupar no futuro, o de boas esposas e mães. Cristina Ponte refere-se às repercussões que o pensamento de Rousseau encontrou nos séculos que se seguiram na distinta educação por género das crianças, deste modo:

«O contributo ideológico de Rousseau na construção da criança inocente e natural (...) é também uma educação moldada pelo género: ao percurso educativo de Emílio, realizado ao ar livre, contrapõe-se o de Sofia, treinada e estimulada desde cedo para as funções sociais de esposa e mãe. A “naturalização” destas diferenças entre o mundo masculino do espaço aberto e o público e o mundo feminino do interior da casa e privado sustenta outras combinações binárias que constituirão as noções de feminilidade, masculinidade, infância e família nos séculos seguintes.»¹⁷

As funções femininas estabelecidas no interior do espaço familiar, de entre outras que podíamos aqui referir, eram dominadas por uma relação da mulher com a roupa, quer fosse da roupa de casa ou da destinada a ser vestida por si ou por outros. Desde cedo as meninas aprendiam a lidar com os tecidos, engomando, lavando, remendando, bordando, embonecando-se em vestes, aprendendo a ficarem belas para serem escolhidas para casar. Estas actividades realizadas no espaço privado visavam não só reforçar a ideia de que as raparigas deveriam aprender a cuidar dos outros, em que os cuidados tidos para com a roupa utilizado por outrem demonstrava tal particularidade, mas sobretudo de que a sua existência dependia do outro, neste caso do homem com quem, assim se esperava, casaria quando atingisse a idade. Todavia esta relação de proximidade permitiu desenvolver por parte das mulheres um gosto pelos tecidos e pelo vestuário, no modo como o tacteiam e o percebem, que mais não é do que aquilo que acredito ser uma característica que (algumas) mulheres desenvolveram

¹⁷ PONTE, Cristina (2005). Crianças em Notícia – A construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pág. 34.

com a educação. Ao contrário do que se quer erroneamente acreditar, o gosto feminino pelo vestuário e roupa em geral não deve ser perspectivado como sendo uma especificidade natural de qualquer mulher, quase como que intrínseco ao «sangue feminino».

Se ainda, porventura, nos arriscarmos a considerar que estes fundamentos transmitidos por Rousseau (e antes dele por muitos outros tal como Aristóteles), que procuravam limitar a educação feminina em comparação à cedida aos meninos, estão longe de, hoje em dia, terem a hipótese de ser colocados em funcionamento, poderemos ter uma forte desilusão. Isto considerando toda uma panóplia de brinquedos, publicitados nomeadamente em época natalícia, em que os carinhos de bebé cor-de-rosa fazem furor como prendas para as meninas, e por seu turno, as pistas de carros de velocidade destinadas aos meninos desaparecem das prateleiras. Não falando também da pergunta que a pessoa encarregue das vendas nos coloca ao nos dirigirmos a uma loja de vestuário para crianças com idades de 1-2 anos: «É menina ou menino?». Eis aqui uma forma dicotómica de educar meninos e meninas colocando os brinquedos e o vestuário que lhes são destinados em corredores diferentes consoante o sexo.

Elizabeth Badinter expõe também ela de modo crítico como o pensamento transmitido por Rousseau encontrou espaço na contemporaneidade na forma como percebemos a maternidade e o acto do cuidar do outro como uma característica essencialmente feminina. A filósofa feminista censura a forma como Rousseau apontou como única felicidade possível para as mulheres aquela encontrada dentro do lar, casando, cuidando e amando os outros mais do que a si própria, sendo moderadora do espaço familiar. Sem isto a mulher poderia tornar-se extremamente infeliz e como tal, logo nos primeiros anos de vida, as raparigas deveriam ser educadas para a sua verdadeira função de mãe e esposas:

«O aviso de Rousseau é por conseguinte, claro: único destino feminino possível é reinar “dentro”, no “interior”. A mulher deve abandonar o mundo e o “fora” ao homem, sob a pena de ser anormal e infeliz. Deve saber sofrer em silêncio e dedicar a sua vida aos seus, porque foi essa a função que a natureza lhe atribuiu e é essa a sua única possibilidade de ser feliz.»¹⁸

¹⁸ BADINTER, Elisabeth (1987). *O Amor Incerto – História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*, col. «Antropos», Lisboa: Relógio d'Água, págs. 243 e 244.

Curiosamente, verificamos que muitas das actividades que implicam o cuidar dos outros se perpetuam como femininas, sobretudo no espaço privado. As meninas apreendem-nas imitando as suas mães, ao engomar a roupa com o ferro de brincar ao mesmo tempo que a sua mãe o faz efectivamente, ou a aprender a fazer a sua cama de manhã, ou ainda, a arrumar rigorosamente as suas roupas de vestir nas gavetas. Em geral os rapazes são dispensados destas tarefas, havendo inclusivamente casos de famílias que, tendo uma filha e um filho, ensinam à rapariga a cuidar da sua roupa, quando em oposição o seu irmão é desobrigado de tais tarefas, ficando estas ao encargo da mãe ou até mesmo da sua irmã.

Estas educações dicotómicas em função do sexo, que começam a ser transmitidas tão cedo descortinam que a criança está igualmente sujeita às referências de género tal como os adultos o estão, apesar de se pensar as crianças como a representação de um grupo tido como coeso e unissexo em que todas têm o mesmo tipo de deveres e direitos a serem assegurados, quando em termos práticos verificamos o inverso, pois as expectativas propostas às meninas são diferentes das incentivadas aos meninos.

O historiador Philippe Ariès apresenta-nos como estas diferenças de género no universo infantil foram construídas no decorrer dos tempos, ganhando contornos ao nível do vestuário distintamente desenhado para meninas e meninos. Ariès alerta-nos ainda para o facto de a infância, tal como a percebemos nos dias de hoje, foi sendo também ela socialmente construída ganhando consistência em meados do século XVIII, em que o rapaz foi concebido como a primeira criança, com direitos, valores e deveres distintos dos destinados aos adultos. Por outro lado as raparigas só mais tarde usufruíram das regalias da infância, pois, durante muito tempo foram percebidas como «mulherzinhas», miniatura da respectiva versão adulta.

III. O VESTUÁRIO NA CONSTRUÇÃO DO GÉNERO

III. 1. A mulher como o «belo sexo»

«Não faltam, portanto, argumentos em favor da ideia de que são as roupas que nos usam e não nós a elas; podemos talhá-las segundo o molde do nosso braço ou do nosso peito, mas são elas que moldam a seu bel-prazer os nossos corações, os nossos cérebros, as nossas línguas.»¹⁹

Desde a criação das sociedades mais antigas e até à actualidade, temos vindo a assistir à utilização do vestuário como forma de controlar, dominar e manipular o corpo e a mente humana, contrariando em alguns casos as leis da Natureza. A importância de se ter uma aparência de acordo com os estereótipos culturais e sociais de beleza parece ser algo que é levado ao extremo, sendo a mulher o alvo preferencial de tais exigências, atrevo-me mesmo a dizer que a mulher parece sê-lo desde sempre.

A beleza de uma mulher foi constantemente sobrevalorizada nas diversas épocas e sociedades, sobretudo nas classes mais altas, do Império Romano ao Renascimento, do Renascimento ao Romantismo, na nossa época ou passadas, por vezes, em detrimento do intelecto, remetendo este para segundo plano, considerando-o até desnecessário. Nesta perspectiva em que a mulher é analisada como uma pintura que embeleza a sala completando a decoração da mesma, o facto de a pintura ter uma vida própria, viver por si só, não é sequer tido em observação.

Tais características associadas à mulher tiveram um impacto no desenvolvimento do vestuário feminino de bastante importância. O traje feminino sofreu, ao longo da história, demarcadas alterações quando comparadas às modificações efectuadas na indumentária masculina. A mulher, por ser encarado como um ser decorativo, também vê o seu corpo decorado com um excesso de acessórios e elementos que fazem ressaltar as suas características de fragilidade, de feminilidade e beleza. A época do Romantismo é um dos exemplos disso, mas, também outras épocas da história ocidental assim o são.

¹⁹ Woolf, Virginia (2007). *Orlando – uma biografia*, Biblioteca de editores Independentes, Relógio de D'Água Editores, Lisboa, pág. 132.

Na sociedade contemporânea o intelecto de uma mulher é já encarado como algo a ter em conta na apreciação desta, mas, tal facto não significa que a beleza feminina tenha sido enviada para segunda cena e, como tal, que o vestuário feminino tenha perdido os seus excessos na ornamentação.

Estas ornamentações excessivas em estreita ligação com a valorização da beleza das mulheres comprometeu inclusivamente o vestuário das crianças/meninas que desde muito cedo aprendiam a tornarem-se mulherezinhas vestindo-se como as restantes senhoras. Quicá por as raparigas também casarem muito cedo servindo o vestuário desta forma para realçar as formas curvilíneas ditas femininas seduzindo os homens maioritariamente mais velhos.

Na actualidade, ao ligarmos a televisão ou folhearmos uma revista ou ainda um jornal ou se simplesmente experienciarmos viver numa sociedade ocidental com estas questões em mente, apercebemo-nos de que os estereótipos de beldade e de uma aparência de acordo com os padrões estabelecidos são uma constante a que todos, homens e mulheres, em crianças ou em adultos, de uma forma consciente ou não, procuram responder estando em concordância com os mesmos. Contudo, as exigências que se requerem de uma mulher continuam a ser mais fortes do que aquelas a que estão sujeitos os homens e tal facto é transparente ainda como jovens mulherzinhas.

Se analisarmos o vestuário infantil feminino em comparação com o masculino notaremos como estas exigências, a que o sexo feminino está sujeito, são transmitidas com determinação. O vestuário das raparigas é preenchido com uma maior abrangência de opções, tanto de cores, como de padrões ou de elementos decorativos, em relação ao dos rapazes. Tais exigências inculcadas no vestuário feminino das crianças farão com que as meninas se relacionem com o mesmo de forma claramente distinta daquela a que os rapazes se dispõem.

Os clichés de beleza, para que a moda tanto contribui, parecem ser deste modo imprescindíveis a uma sociedade de qualquer tempo, não se procurando aqui ter uma posição de desaprovação a tal característica da existência humana. O que é verdadeiramente preocupante, na minha opinião, é aquilo a que o ser humano se submete para atingir esses padrões, trucidando os seus corpos através do trajar nesta subordinação a que se impõe. Todavia, nesta mutilação e disciplina dos corpos, a mulher parece ganhar a uma distância de longos metros relativamente ao homem, variando estes metros da sociedade e época a que nos referimos. Diferentes sociedades e

épocas tiveram divergentes repercussões sendo umas mais agressivas para com os corpos femininos do que outras.

Na segunda metade do século XIX e sobretudo na *Belle Époque* instituiu-se o gosto por cinturas femininas excessivamente estreitas, notoriamente modificadas. As mulheres utilizavam espartilhos fortemente apertados que enfraqueciam o seu corpo, debilitavam a sua coluna vertebral, e o seu aparelho respiratório não conseguia exercer a sua função em condições aceitáveis. Tudo isto em nome de um estereótipo de beleza a que a mulher estava associada e que era cada vez mais valorizado em detrimento de princípios de salubridade e bem-estar. Tal facto apenas serviu para salientar as características que se queriam crer como sendo próprias da mulher daquela época. O trajar feminino estava em total sintonia com o papel social destinado à mulher exercendo a sua função simbólica a que se designava. De uma época marcada pelo Romantismo, a indumentária feminina usada adquiria a simbologia da fragilidade, de dependência da mulher face ao homem, de demasia supérflua nos adornos, de um excesso de curvas associadas à maternidade transmitindo a ideia que o homem era o aposto assim como o seu traje.

Contudo, muitas outras simbologias estavam por detrás do vestuário feminino. No caso do espartilho, que era visto pelas próprias mulheres da época como um componente que nenhuma mulher digna e que se preze poderia dispensar, este tomava a sua função de exercer sofrimento. Era realmente de uma violência atroz o uso do mesmo, mas, a que todas as mulheres se deviam submeter. Porém, também exerciam uma outra funcionalidade, a de uma provocação ao homem num jogo de sedução.

«A mulher de 1880 que usa um espartilho é uma fortaleza inexpugnável. É preciso estar-se muito motivado para ultrapassar as dezenas de botões, colchetes, cordões e sobreposições de roupa interior. É como um “Não me toques!” e, ao mesmo tempo, extremamente provocante.»²⁰

O homem, por seu lado, era visto como um ser racional e supremo, com responsabilidades no domínio público dependendo a mulher das suas decisões, era sem dúvida visto com um ser indispensável ao bom funcionamento da sociedade. Como tal,

²⁰ Citando Michel Biehn em entrevista realizada por Anne B. Walter e editada na revista feminina *Máxima* em Julho de 2007, nº 226.

a sua indumentária estava em simultaneidade com esta visão, era repleta de linhas rectas, de elementos que lhe acentuavam o porte sério e de grande poder. A mulher burguesa deveria vestir-se num sobejo luxo precisamente para demonstrar perante os outros a situação de poder económico e social do seu marido.

Todavia, não só na história da sociedade ocidental desta época encontramos referências do vestuário feminino como forma de violência exercida nas mulheres. Torna-se pertinente questionar o porquê da imposição do uso de uma indumentária mutilante ao corpo da mulher. Raramente encontramos exemplos de uma indumentária que fosse violenta para com o corpo do homem, mas, os exemplos para com o corpo da mulher atravessam diferentes épocas e civilizações.

Que se pode dizer do gosto chinês pelos pés pequenos, obtidos pelo enfaixamento cerrado, estropiando e atrofiando o crescimento dos mesmos, a que as mulheres estavam sujeitas desde tenra idade? Que se pode dizer dos trajes e acessórios barrocos, exemplo do bom gosto da altura – anquinhas desconfortáveis e penosas, corpetes apertados, perucas pesadas em demasia – em que a alta sociedade feminina de todas as idades, sendo imposta ainda mal tinham abandonado as fraldas, se exibia? Que «são gostos e gostos não se discutem»?

Catherine Bensaïd e Michel Biehn, autores do livro *Cruelle Coqueterie* e que se têm debruçado sobre estas questões apontam outro factor para que o vestuário feminino tenham sido tão atravancado para com os corpos das mulheres.

«As imposições sobre a aparência fizeram durante muito tempo o jogo dos homens, desejosos de corpos femininos “entravados”. (...)»

É certo que, a partir do momento em que o homem quis o poder, quis criar entraves às mulheres. Creio que, durante muito tempo, o homem considerou a mulher livre muito perigosa. Ainda hoje, não nos iludamos, a liberdade das mulheres causa medo.»²¹

No nosso tempo, imaginamos que este tipo de situação estaria já ultrapassado e que algo semelhante seria impossível de acontecer. Porém, continuamos a aceitar sujeitar os nossos corpos através do vestuário ao estigma da beleza, encontrando sempre

²¹ Citando Catherine Bensaïd em entrevista realizada por Anne B. Walter e editada na revista feminina *Máxima* em Julho de 2007, nº226.

novas formas de lhe dar a primazia sobre todas as coisas. Mesmo com os desenvolvimentos da roupa ao nível ergonómico, o que é certo é que a roupa continua a exercer outras funções do que simplesmente a de nos cobrir o corpo. Ela continua a exercer a sua função de gendrizar²² os sexos, num jogo de sedução a que homens e mulheres correspondem.

Desde sempre, da meninice à adolescência e ainda nas fases que lhes seguem, a mulher é educada na concepção de que a aparência é uma arma a ser utilizada para se atingir um fim e que muitas portas se podem abrir através dela, mesmo que para isso tenha de exercer violência contra o seu próprio corpo. Na realidade, «Se queres ser bela, tendes de sofrer donzela!» é um ditado bem sabedor da vivência humana enquanto mulher. A mulher aprende esta linguagem quando calça os primeiros sapatos de salto alto e, apesar de estes lhe magoarem os pés e serem poucos práticos nas correrias da vida diária, passa a usá-los regularmente, ou ainda, aqueles cintos justos que lhe cortam a circulação, mas que a tornam sensual e um exemplo de feminilidade.

A imagem de uma mulher impecavelmente bem vestida e bela continua a ser transmitida até à actualidade pelas diversas instituições como algo de fundamental, independentemente de se ter, ou não, de fazer sacrifícios corporais para se atingirem tais estereótipos de beleza. A dedicação à beldade como algo essencial é ainda vista como uma característica de feminilidade, própria das mulheres. Ainda que os tempos estejam a mudar e que também os homens se comecem a dedicar à tarefa de embelezamento definindo-a como uma prioridade, tal como os nobres o faziam no século XVIII.

De qualquer forma é inquietante assistirmos a uma maior dedicação aos ditames da beleza por parte de raparigas cada vez mais jovens que, numa tentativa de estarem de acordo com aquilo que é veiculado pelos *media*, colocam em causa o seu bem-estar físico e psicológico. Vejamos a crescente difusão e popularização dos sites *pró-ana*²³ entre as raparigas dos 8 aos 16 anos, que já mereceram inclusivamente a penalização

²² «Gendrizar» é um verbo apresentando por Alice Marques. A autora do livro já referido utiliza o termo a partir do anglicismo do substantivo de língua inglesa, *gender*, significando definidora de género. Alice refere ainda que por não existir ainda uma tradução do verbo consagrada na língua portuguesa, tal pode ser visto como um revelador do atraso do debate sobre as questões de género em Portugal.

²³ Este conceito define uma jovem rapariga que se dedica a fazer da magreza e da anorexia um culto. Divulgam imagens de extrema magreza com dedicatórias como se fossem santos, fazem propaganda a um corpo esquelético e apregoam uma quantidade enorme de técnicas para se atingir um corpo magro (técnicas de vómito, dietas, aprender a enganar a fome, como deixar de comer inclusive, etc.).

por parte do governo francês, como um indicador de que a beleza feminina é de tal forma exigida que supõe que tudo se faça em prol da mesma.

«Naomi Wolf, Rita Freedman e Susan Bordo encontram-se entre as académicas que nos anos 90 desenvolveram estudos sobre a relação das mulheres reais com as representações idealizadas do corpo, e explicaram, com diferentes fundamentações, respectivamente: os efeitos letais do mito da beleza; como as práticas de socialização, desde a infância, a construção da auto-imagem das mulheres como o “belo sexo”; à semelhança do culto do corpo com o trabalho disciplinar, explorando a metáfora da mortificação da carne através da renúncia e do sacrifício.»²⁴

Na verdade é perturbante que a mulher, apesar de ter conseguido alguma emancipação na sociedade nestas últimas décadas, não se tenha conseguido libertar desta necessidade em ser bela aos olhos dos outros e aos seus. A indumentária feminina serve esta premissa sendo uma das suas principais devotas. Nesta particular característica feminina — porque assim somos educadas desde de meninas — em agradar ao outro através da suprema beleza e da sua aparência, deixamo-nos enredar por promessas de uma vida melhor, de novas possibilidades e de uma integração na sociedade. Em sintonia com esta lógica, verificamos como a actividade de modelo de moda é nos apresentada, por um estudo alemão, como a profissão mais desejada por adolescentes do sexo feminino, isto porque esta actividade é encarada como a profissão de sonho para qualquer jovem mulher.

«...a profissão de modelo tornou-se numa das mais populares profissões da sociedade actual. Segundo um inquérito apresentado por um revista alemã no ano de 1993, 93% das adolescentes do sexo feminino entre os 14 e os 17 anos querem ser modelos. Ser bela, fotografada e apresentar a moda mais recente nas passerelles parece-lhes ser uma profissão de sonho.»²⁵

As mulheres na contemporaneidade vivem assim confrontadas com duas visões distintas: serem belas, numa visão tradicionalista daquilo que é ser mulher, e

²⁴ Marques, Alice (2004). *Mulheres de Papel – Representações do corpo nas revistas femininas*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte, pág. 66.

²⁵ Lehnert, Gertrud (2001). *História da Moda, do século XX*, Colónia: Könemann, pág. 82.

simultaneamente emancipadas economicamente numa associação à mulher moderna. Este paradoxo levou uma feminista que contrapunha radicalmente a emancipação das mulheres e a indústria da moda a debruçar-se sobre o mesmo. Catherine Mackinnon considerou ser de conveniência educativa arvorar a questão da moda como uma excelente opção económica para as mulheres. A autora teve mesmo que admitir este caso ao comprovar que as mulheres ganham mais a vender o seu corpo do que a vender as suas aptidões intelectuais. Catherine verificou que a profissão de modelo, assim como a de prostituta, são as únicas em que a mulher ganha mais do que o homem. Se, levados pela dúvida, verificarmos os salários astronómicos de uma top-model teremos de nos convencer que é efectivamente assim.

Em consequente, por todo o lado se espalhou a ideia, fazendo parte do senso comum, de que para uma mulher conseguir ter sucesso na vida, inclusive profissionalmente, terá a vida facilitada, em muito, se for bela, tendo uma aparência cuidada e a sua roupa impecável. Também é certo ser difícil escapar a esta urgência de beldade, pois, a beleza feminina, esta associada em muitos dos casos a símbolos de poder, em certas ocasiões a um poder social, em outras ainda a um poder económico tal como os analisados anteriormente. Porém esta estreita ligação da mulher à beleza, em qualquer idade em que se encontre, é apontada por alguns como o motivo que a leva a ser definida como o «segundo sexo».

«À representação colectiva da mulher como o “belo sexo”, da feminilidade destinada a agradar, a seduzir, pelos seus atributos físicos e pelo jogo de factício. A nova disjunção da moda e a preponderância do feminino que esta institui prolonga a definição social do “segundo sexo”, os seus gostos imemoriais pelos artificios com vista a seduzir e parecer belo.»²⁶

A argumentação usada, muitas das vezes por meios de comunicação e publicitários inclusive, em como o «ser belo» é uma característica essencialmente feminina que representa o sucesso, profissional ou emotivo, torna-se num peso ao se ser mulher, uma confrontação que para o filósofo francês Gilles Lipovetsky poderá ser-lhe cara denotando a concepção da mulher como o «belo sexo».

²⁶ Citando Gilles Lipovetsky. A referida transcrição foi retirada do livro de Alice Marques (2004). *Mulheres de Papel – Representações do corpo nas revistas femininas*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte, pág. 109.

As meninas por sua vez aprendem a brincar os preceitos do vestir, do pentear dos cabelos ou da maquilhagem nos bustos das bonecas envoltos em brilhantes cor-de-rosa, cultivando desta maneira o gosto de se bem apresentarem buscando a ideal beleza. Rapidamente se apercebem que quando estão bem vestidas, de postura distinta e modos graciosos conseguem cativar as atenções para si sendo recheadas de beijos, sorrisos e elogios: «Ah tão gira que ela é!». E quem não gosta de receber elogios ou afectos? Se as meninas não os conseguem receber quando se apresentam de joelho esfolado porque estiveram a jogar à bola marcando um golo, então procurarão recebe-los de outra forma, porque não ao vestirem-se elegantemente e com uma bela aparência.

III. 2. Vestuário feminino versus vestuário masculino

Apesar de toda esta exposição das imposições no vestuário feminino, seria errado da minha parte fazer passar a ideia de que os homens não têm sofrido constrangimentos no vestuário e na aparência ao longo dos tempos. O uniforme de guerra ou militar é um exemplo de como a roupa também pode ser utilizada como manifestação de virilidade e masculinidade. Este traje, que pode estar repleto de ornamentações simbólicas de lutas e conquistas próprias do ser masculino, foi concebido para dar aos homens um porte grandioso; trata-se de um armadura que lhes alarga os ombros avolumando-lhes em simultâneo o tronco.

Nos nossos dias o fato masculino moderno acompanhado da gravata tem precisamente a mesma função. A ideia inicial na sua criação, e que se confirma até aos nossos dias, está ligada à concepção de elegância e poder masculino. No período do Pós-Revolução Francesa, em que se proclamava igualdade de direitos e em que a burguesia fazia valer as suas crenças, eis que a gravata surge como forma de distinção dos homens «dignos» dos homens sem formação. Este novo modo dos homens se apresentarem pretendia contrariar o traje do Antigo Regime, que era tido pelos revolucionários como demasiado efeminado e indigno do verdadeiro homem que se pretendia afirmar como racional e sério. Diz-nos assim Honoré de Balzac numa declarada exaltação aos novos contornos do vestuário masculino, que tiveram repercussões até à presente época:

«[A gravata] nasceu para a vida pública, conquistou importância social; pois foi chamada a ressuscitar os matizes integralmente apagados do vestir, converteu-se no sinal pelo qual se distinguiria o homem digno deste nome do homem sem educação. (...)»

O valor do homem corresponde ao valor da sua gravata. Em abono da verdade, a gravata é o homem; é através dela que este se revela e se dá a conhecer.»

A gravata introduziu no vestuário masculino o porte austero ligado à vida profissional onde as características de racionalidade e seriedade são extremamente apreciadas e estas, por sua vez, são encaradas como pertencentes ao homem ao longo dos séculos. Balzac apreciou este efeito em tal ordem que não se cansou de o elogiar, opondo-se com grande garra ao anterior traje do Antigo Regime que, segundo o escritor francês, ridicularizava o homem com o excesso de pompa própria sim do vestuário feminino.

Também o nosso ilustre intelectual Júlio Dantas fez questão de expor a sua opinião sobre a indumentária masculina nas páginas dos jornais e dos periódicos da época. Para demonstrar a sua satisfação exalta com fervor a elegância moderna que se impõem, que triunfa: «uma elegância masculina, britânica, viril, que já não tem nada de comum com a casquilhice dos “francelhos” de Filinto nem com o ridículo dos “pisa-flores” de José Daniel».²⁷ Exigia-se deste modo ao homem do século XIX um porte cada vez mais rígido, mais liberto do desnecessário; aplaudia-se o homem que se apresentava numa postura viril todos os dias de manhã dirigindo-se aos seus afazeres austeros da política e dos grandes eventos no mundo público. O homem efeminado no seu modo de trajar era altamente contestado, pois tal circunstância estava associada ao ócio próprio da antiga nobreza.

Foram precisamente estes pensamentos que construíram o homem que se perspectivava para o século XX, um homem viril que renegava toda a envolvimento do mundo feminino, que procurava valorizar-se pelo seu trabalho sendo o sustento de toda a família, sendo efectivamente a representação perfeita da autoridade e único modelo possível da razão. O recurso aos elementos militares no vestuário tornou-se uma constante e o homem afasta-se cada vez mais do universo dos afectos tidos como principal motivo do enfraquecimento da masculinidade.

²⁷ DANTAS, Júlio (2004). *As Modas Masculinas do século XIX em Portugal*, nº 11, col. «Ora e Outrora», Lisboa: Apenas Livros, pág. 14.

Este traje militar invade igualmente o vestuário infantil masculino, com os fatos à «marujinho», anunciando a necessidade expressada de cedo aprenderem a serem homens. Peter Berger descreve como esta urgência em ensinar às crianças do sexo masculino os padrões da masculinidade se denota claramente na presente sociedade, não sendo portanto somente uma exigência das sociedades passadas:

«Uma criança do sexo masculino não tem de aprender a experimentar ter uma erecção. Mas tem de aprender a ser agressivo, a ter ambições, a competir com outras pessoas, a desconfiar de uma atitude demasiado gentil de sua parte. O papel masculino na nossa sociedade, entretanto, exige todas essas coisas que se tem de aprender, como exige também uma identidade masculina.»²⁸

Por seu turno visionava-se para as mulheres dos finais do século XIX um modelo maternal, um porte delicado e romântico, mostrando dependência e recato; e quanto mais frágil fossem os gestos femininos, maior o realce que transparecia nos portes masculinos assegurado pelos homens. Foi precisamente na sequência desta época, na passagem para o século XX, que as roupas femininas mais se estreitaram, apertando cinturas e sufocando peitos, procurando deste jeito limitar o andar das mulheres envolvendo os seus corpos em espartilhos bem firmes.

Porém, vejamos como as duas Grandes Guerras revelaram estes modelos de masculinidade e feminilidade como antiquados num mundo onde se lutavam por princípios de igualdade e de direitos universais. As lutas feministas tornaram-se efectivamente mais acesas após estes períodos, colocando a nu as subordinações a que o sexo feminino estava sujeito.

Interessante é também analisar que as maiores mudanças na silhueta feminina que se efectuaram na moda estiveram em sincronia com as épocas de maior turbulência de lutas feministas. As questões levantadas por estas mulheres (e por alguns homens) que procuravam mostrar que também elas eram capazes, foram percepcionadas numa mudança radical nas antigas silhuetas.

Nos loucos anos 20 a luta pela liberdade da mulher fez-se sem dúvida alguma simultaneamente pela roupa. O vestuário adquiriu a simbologia de libertação da

²⁸ Berger, Peter (1994). *Perspectivas Sociológicas*, Petrópolis: Vozes, pág. 112.

condição de ser mulher. A necessidade de abandonarem o espartilho que tanto as aprisionava, assim como a de poderem vestir um traje masculinizado tornou-se numa das lutas mais fervorosas. As primeiras mulheres a vestirem calças foram acusadas de atentado ao pudor e algumas delas foram, inclusive, perseguidas pelas ruas nas principais capitais europeias. Quando as mulheres decidiram cortar o cabelo num estilo em que para a altura foi visto como sendo arrapazado — naquele que ficou conhecido por «cabelos à *Garçonne*» e em particular por «cabelos à Joãozinho» em Portugal — muitos homens se levantaram protestando e dizendo que a mulher feminina se estava a perder. A Igreja Católica colocava prospectos nas portas das suas principais sedes desaprovando tais ocorrências, dizendo que a mulher que seguisse estas posturas modernas estaria perdida.

Mais tarde, nos inquietos anos 60, a mulher procurou afirmar-se como dona do seu próprio corpo exibindo-o na famosa mini-saia. Foi também nesta altura que a roupa gendrizada que até então tinha dominado vai perdendo consistência. Foram sobretudo nestas épocas de turbulência que os dados foram lançados para uma nova abordagem dos papéis de género e tal facto se tornou visível no vestuário.

Homens e mulheres vestem-se cada vez mais com roupas semelhantes, o que não significa que sejam exactamente iguais do ponto de vista estético. O que acontece na contemporaneidade é que existe uma maior possibilidade de escolhas estando tudo um pouco indeterminado no que diz respeito ao vestuário. Brinca-se com o vestuário numa tentativa de iludir a imagem que o outro poderá ter de nós. Utilizando a expressão empregada por Michel Biehn, hoje em dia «faz-se batota» no que diz respeito ao vestir o corpo.

«O vestuário define quem a pessoa é. (...) Pela forma como se vestiam, as pessoas distinguiam-se claramente e sabia-se em que etapa da vida se encontravam. Hoje é tudo muito mais fluído, faz-se batota, tem-se as imitações, joga-se.»²⁹

Contudo, a divisão da roupa, por feminina dirigida à mulher e por masculina ao homem, tem sido esbatida (ou assim se quer crer) no último século acompanhando as

²⁹ Citando Michel Biehn em entrevista realizada por Anne B. Walter e editada na revista feminina *Máxima* em Julho de 2007, n.º 226.

mudanças sociais sentidas nos papéis de género. Tal foi anunciado com o surgimento, no século XX em meados dos anos 70, de uma roupa unissexo incentiva-nos a questionar se tal facto ocorreu por ter emanado da sociedade um novo ideal feminista de igualdade entre homens e mulheres. Será que o vestuário unissexo procura deveras que homens e mulheres se vistam da mesma forma para que sejam olhados de igual modo?

Talvez porque exista uma crise de identidades sugerida por alguns pensadores, tais como Claude Dubar, também o vestuário se tenha desgarrado um pouco deste processo de gendrizar os sexos. Nos dias que correm, a comercialização da roupa tornou-se de tal forma frenética que a indústria da moda sugere várias tendências distintas e sincrónicas. Ao mesmo tempo que se sugere a imagem de uma mulher ou de um homem conservadores, sugere-se uma outra de uma mulher e de um homem moderno/a. As várias marcas da indústria da moda passaram a definir o público-alvo a que se destinam com maior exactidão, a que tipo de mulher ou que tipo de homem, pois os papéis de género estão tão indeterminados que se torna difícil conseguir vestir a todos com satisfação.

Mas, independentemente disto, parece que tanto os homens como as mulheres necessitam de um corpo vestido para que tenham vontade de o despir. O vestuário é assim um factor de sedução determinante na relação que homens e mulheres vão estabelecendo entre si e, contudo, é também ele um intruso na construção do género que se impõe a crianças e a adultos.

III. 3. O vestuário no teatro social do género

O vestuário tem sido usado como forma de estratificação e controlo social, por género, por classes, idades, mas também, como normalizador da acção humana. Tanto a roupa como a moda estabelecem regras de comportamento a que um grupo social deve estar sujeito, assim como, determinam princípios de pertença de um indivíduo num respectivo grupo.

Assim sendo, a roupa acarreta consigo um código de conduta adquirindo uma simbologia de status social, ou económico, ou ainda, de poderio de um indivíduo relativamente ao outro.

Na perspectiva historicista de Carl Köhler o vestuário pode ser compreendido como uma criação humana reveladora dos cânones sociais de uma correspondente época histórica, um espelho de hábitos de uma sociedade num determinado tempo.

Porém, a indumentária na perspectiva de Virgínia Woolf, e de outros pensadores, tem ainda o poder de manipular o modo como somos vistos aos olhos do outro, mas também, a nossa própria visão do mundo. O que me leva a questionar se são as roupas que nos moldam ou nós que moldamos a roupa? De certa forma o ser humano estabelece com a roupa uma dialéctica numa relação recíproca. Por um lado a humanidade constrói a sua própria roupa fruto das interferências sociais, por outro, ao fazê-lo vai interferir com o mundo alterando a visão deste sobre si e a sua própria visão.

Transpondo o acto do vestir para o de uma peça de teatro, em que como Goffman menciona o «eu de todos os dias», é um actor que recebe um papel numa realização dramática e em que os outros esperam de nós a apresentação correcta desse mesmo papel, a roupa representa uma fachada daquilo que se revela mais profundo na relação que eu estabeleço com os outros. Ora se um indivíduo se apresenta vestido de um determinado modo representando o seu papel correctamente, os outros com quem irá estabelecer uma interacção sabem automaticamente o que esperar dele e o modo como também devem agir. Pegando num exemplo simples, ao sermos confrontados com um indivíduo que se apresenta num traje militar os nossos modos tornam-se diferentes quando confrontados com um outro que enverga um traje semelhante ao nosso. Esperamos que o militar tenha um determinado comportamento e, assim sendo, estamos preparados para reagirmos consoante tais factores de previsão. Por outro lado o militar ao despir a sua farda e ao vestir uma outra roupa também deixa para trás a representação do seu papel como militar passando a desempenhar um papel diferente em consonância com a nova indumentária que enverga.

Se um indivíduo que se veste de um devido modo não se comportar de acordo com as regras que essa roupa representa, então a relação com os outros poderá tornar-se confusa, pois a roupa que fabrica a aparência tem de estar em concordância com os comportamentos do indivíduo que a veste.

«Muitas vezes, evidentemente, esperamos que a relação entre a aparência e modo seja de confirmação e consistência; prevemos que as diferenças de condição social entre os

interactores se expressem de algum modo coerentemente por diferenças entre as indicações relativas ao papel esperado na interacção.»³⁰

Numa relação entre um homem e uma mulher é suposto que cada um se vista em consonância com o seu género para que a interacção decorra sem qualquer constrangimento. Uma mulher que se apresente vestida num traje de festa, num belo vestido comprido, espera possivelmente que o homem lhe abra a porta para lhe dar passagem, assim como o homem, ao ver a mulher assim vestida, se torne, possivelmente, mais delicado para com ela.

Nestas encenações o vestuário, independentemente de ser justificável ou não, serve de instrumento facilitador da acção humana na interacção social. Os códigos de conduta estão à *priori* definidos, o vestuário apenas possibilitará adivinhar os desenrolares da acção a ser encenada, pois o palco já está montado.

No caso das crianças, espera-se que as meninas se vistam de um modo e os meninos de um outro, facilitando a distinção entre eles. Se estes mesmos actores estiverem vestidos em concordância com o guarda-roupa seleccionado para o papel que lhes foi estipulado, o de crianças do sexo masculino ou do sexo feminino, então os restantes agentes saberão que palavras utilizar. Em geral o discurso utilizado para com as meninas difere do empregado com os meninos, ainda que o comportamento dos dois não varie, ou até que os seus traços físicos sejam semelhantes. A roupa garante com perseverança que os adultos tratem distintamente meninos das meninas, quando estes apresentam ainda fisionomias idênticas, com idades a rondar os 1-4 anos.

Quando estes códigos não são representados nos devidos moldes são passíveis de causar confusão podendo verificar-se inclusive a utilização de métodos de sanção. É exigido posteriormente ao actor que venha a desempenhar de forma correcta o seu papel de género, como menina ou menino, colocando assim de lado qualquer espécie de dúvida.

Simone de Beauvoir dá-nos um exemplo de como as sanções podem ser penosas, quando o papel de género nas crianças é representado de forma errónea, segundo os padrões sociais:

³⁰ Goffman, Erving (1993). *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*, Antropos, Relógio D'Água, Lisboa, pág. 37.

«(...) os costumes opõem-se a que as raparigas sejam tratadas exactamente como os rapazes. Conheci numa aldeia meninas de três e quatro anos que o pai obrigava a usar calças; as outras crianças perseguiam-nas: “São raparigas ou rapazes?”, e procuravam verificá-lo; a tal ponto que elas suplicavam que as vestissem como raparigas.»³¹

Assiste-se a uma instrumentalização do vestuário com intuito de cumprir a manutenção dos papéis a que a criança se deve submeter, em conformidade com o sexo que lhe foi gravado no corpo. Nesta sequência a urgência de uma representação integrando o papel de género que lhes foi confiado atinge as crianças como um raio fulminante, alertando para os riscos de contrariar os fundamentos pré-estipulados ao utilizar um vestuário inapropriado para o efeito. Nas brincadeiras com as demais crianças, em que os primeiros confrontos de socialização ocorrem, essa necessidade de impor o género fica patente com eficácia.

III. 4. O rapaz como criança, a rapariga como «mulherzinha»

A representação da infância tal como hoje a percebemos constitui uma fase nitidamente apartada do mundo dos adultos. A criança vista segundo um ser que precisa de ser moldado preparando-o para a vida adulta tomou feição, sendo-lhe ainda exigido que se comporte de acordo com esta mesma condição. Para além de não compartilharem os mesmos trabalhos, adultos e crianças executam as tarefas que lhe foram incumbidas em recintos separados e em períodos da vida distintos, em que numa dinâmica diacrónica uma tarefa sucede à outra em combinação da idade, como se de etapas da vida se tratasse. Portanto, tempo e espaço não se encontram consolidados em igual configuração nestes dois períodos da vida que a sociedade moderna decompôs.

Contudo, outrora adultos e crianças partilhavam sincronicamente os mesmos espaços de actividades, embora as actividades fossem por vezes distintas em concordância com a capacidade física. A cisão, em universo de adultos e de crianças tal como a concebemos na contemporaneidade, foi uma transformação que se desenrolou ao longo dos últimos séculos, adivinhando-se tal prenúncio no surgir do retrato infantil nos finais do século XVII. Foi precisamente neste século que começam a aparecer os

³¹ Beauvoir, Simone (2008). *O Segundo Sexo II – A Experiência Vivida*. Clássicos Contemporâneos, Lisboa: Quetzal Editores, pág. 27.

primeiros trajes especificamente destinados às crianças, ainda que somente aos de classe alta, como os filhos de nobres e burgueses.

Até ao século XVII, tal como alerta C. Saraceno e M. Naldini com base na tão mencionada obra de Ariès sobre a infância, as crianças não possuíam uma indumentária própria. Somente no «período das faixas»³², em que eram considerados como crianças na verdadeira concepção da palavra a que se atribui nos dias de hoje, é que não havia uma divisão por sexo. Porquanto após largarem os panos com que eram enfaixados, enquanto bebés de colo, passavam seguidamente a serem vestidos como adultos em miniatura; como homenzinhos e mulherzinhas. O vestuário operava eficazmente no objectivo que lhe estava encarregue; decompondo as crianças em grupos sociais, introduzindo-as no sexo e na classe que acarretariam ao longo da sua vida.

«(...) a seguir ao período indiferenciado da infância, por sexo e de alguma forma também por classe, em que todos usavam a mesma veste comprida, o vestuário torna-se o primeiro sinal de pertença simultaneamente ao próprio *sexo* e à própria *classe*: as pequenas damas e os cavalheiros em miniatura, mas também camponesinhas e camponhesinhos que nos são restituídos pelos retratos da família ou pelas cenas de vida pastoral, mais semelhantes aos adultos do próprio sexo do que aos coetâneos do outro sexo.»³³

A divisão por rapazes e raparigas estava assim efectuada com eficiência logo em tenra idade. Estes adultos em ponto pequeno aprendiam logo desde cedo os comportamentos atribuídos ao seu sexo. A liberdade, a coragem, o orgulho nos músculos como forma de expressão masculina eram estimuladas nos rapazes; os ditames da beleza, as lidas domésticas e as aprendizagens de que «para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objecto»³⁴ transmitidas às raparigas.

Com o caminhar para a era das revoluções, sobretudo na segunda metade do século XVIII, inícios do século XIX, o debate sobre a criança ganha destaque, em especial pelo aglomerar dos órfãos nas cidades para exercerem trabalhos pesados, sendo

³² Período que corresponde no século XVII aos primeiros meses de vida, à fase do colo e da amamentação, em que todos os bebés eram enfaixados com um tira de tecido, enrolando e apertando o seu corpo.

³³ Naldini, Manuela; Saraceno, Chiara (2003). *Sociologia da Família*, col. «Temas de Sociologia», Lisboa: Editorial Estampa, pág. 184.

³⁴ Beauvoir, Simone (2008). *O Segundo Sexo – A Experiência Vivida*, vol. II, col. «Clássicos Contemporâneos», Lisboa: Quetzal Editores, pág. 26.

vistos como uma grande fonte de rendimento nas indústrias. A perspectiva de uma necessidade de protecção da infância brota em grande pujança na sociedade, lembremo-nos do tão celebrizado *Oliver Twist*³⁵.

Neste período surge igualmente uma enorme quantidade de instrumentos especializados para a infância assim como também um cuidado acrescido com a educação. Brinquedos, livros infantis e de aventuras³⁶ publicados regularmente em periódicos tendo como principal personagem uma criança, como ainda também, vestuário infantil especializado, ganham destaque social numa sociedade em que o consumo destes bens começa a dar os primeiros passos.

Porém, Ariès alerta-nos para o importantíssimo facto de que este sentimento de preocupação para com a infância despertou primeiramente em benefício dos rapazes. Somente mais tarde as raparigas se viram de braços dados com a infância, pois durante muito tempo mal se distinguiram das mulheres adultas.

«É também curioso que a preocupação de distinguir a criança se tenha limitado quase exclusivamente aos rapazes: as meninas só se distinguiram pelas mangas falsas, abandonadas no século XVIII, como se a infância isolasse menos as rapariguinhas do que os rapazes. Os indícios confirmam, com efeito, os outros testemunhos acerca dos costumes: os rapazes foram as primeiras crianças especializadas. (...) As raparigas muito cedo se confundiam com as mulheres, como outrora os rapazes com os homens.»³⁷

O historiador descreve-nos com rigor como a partir de meados do século XVII os rapazinhos se distinguiram dos homens adultos por um indumentária efeminada. Até aos cinco anos de idade os meninos eram envergados com golas de renda e vestidos de saias em tudo semelhantes às das meninas, que por seu lado eram precisamente as mesmas que envergavam as mulheres. Tornava-se numa extrema dificuldade distinguir um menino de uma menina durante este período da infância. Interessante é verificar que a forma encontrada para enfatizar os rapazes, dando-lhes o estatuto de criança

³⁵ *Oliver Twist*, protagonista do romance do mesmo nome de autoria do reconhecido Charles Dickens que descreve a decadência da sociedade vitoriana, em que a revolução industrial marca a vida nas cidades. Foi primeiramente publicado em 1838 em folhetins semanais.

³⁶ Muitas das famosas histórias infantis que temos como referência presentemente surgiram nesta época, é o caso dos tão apreciados *Contos dos irmãos Grimm* publicados em 1810, ou ainda de *As Aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi de 1881.

³⁷ Ariès, Philippe (1988). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, col. *Antropos*. Lisboa: Relógio D'Água, págs. 90 e 91.

separando-os assim do mundo dos homens adultos, era através da utilização de uma indumentária efeminada. Este preceito, alude Ariès, de efeminizar os meninos com vestidos semelhantes aos das mulheres, prolonga-se até à I Guerra Mundial, altura em que o abandono do espartilho feminino marca uma mudança radical no vestuário.

Restam poucas dúvidas de que realmente os rapazes foram considerados as primeiras crianças relativamente às raparigas, que só mais tarde também beneficiaram de tal condição. Somente no século XX o vestuário das meninas foi despojado de excessos, distinguindo-se do usado pelas mulheres adultas, com o surgimento dos vestidos de saias pelo joelho que permitiam uma maior liberdade de movimentos nas brincadeiras.

Anteriormente a este período as meninas não tinham direito aos benefícios da infância sendo prematuramente transportadas para o universo dos adultos. Apesar de ainda bastantes jovens, as meninas confundiam-se com as restantes mulheres de idade adulta pela sua maneira de vestir e pelo seu porte, exigindo-se que se comportassem logo como «mulherzinhas». Eram então envoltas em saias volumosas, em golas de rendas, conheciam desde cedo os tormentos do cingir dos corpetes para que aprendessem desta maneira os modos de estar que estas vestes exigiam.

Quem sabe se tal motivo, de não especificar as meninas como crianças, se devesse ao simples facto de que ao longo da história patriarcal os homens sempre consideraram as mulheres seres infantis, simples de intelecto e de ingenuidade à flor da pele; mulheres e crianças estiveram em muito dos casos em balanças semelhantes; como tal, não havia necessidade de distinguir as meninas das mulheres adultas na forma de vestir, uma vez que ambas pertenciam ao mesmo grupo de seres de espírito considerado acriançado.

Uma outra hipótese a ser colocada está associada à urgência da sociedade ao longo dos tempos em talhar a mulher desde muito cedo para a vida futura que lhe foi incumbida, como mãe e esposa, aniquilando a sua personalidade para engrandecer a do homem. Sendo assim, as meninas em tenra infância deveriam ser vestidas como «mulherzinhas» para poderem aprender realmente as suas funções futuras. Há que fazer notar que uma jovem nos seus 14 anos de idade já era considerada uma mulher em estado casadoiro, ao contrário da idade própria estabelecida para os homens.

III. 5. É menino ou menina?

«(...) existem outros tipos de diferenças entre as pessoas, diferenças de forma e de tamanho, de forma do lóbulo das orelhas e do tamanho do nariz e não perguntamos quando uma criança vem ao mundo que espécie de lóbulo das orelhas tem. Perguntamos imediatamente por determinadas características anatómicas sexualmente diferenciadas porque achamos que essas características de algum modo determinarão o destino social desse bebé (...)»³⁸.

Ao longo da nossa vida, o género e aquilo que ele acarreta torna-se mais forte que o sexo de cada ser humano, as construções sociais tornam-se mais pertinentes que as determinações físicas e biológicas. Como seres humanos antes de termos um sexo temos um género, pois, mesmo antes de virmos ao mundo somos pensados aos olhos dos outros como homem ou mulher, masculino ou feminino. O que quero dizer com isto é que mesmo ainda como feto (sem sexo determinado) os pais vão brincando a imaginar a vida futura dos seus filhos. Se for menina terá um determinado nome, um percurso de vida e terá características próprias de uma mulher; no caso de ser menino terá um outro nome, um outro percurso de vida e ainda outras especificidades.

Aquando da determinação do sexo do bebé ainda na barriga da mãe, a postura dos outros face àquele novo ser torna-se distinta. Na circunstância de ser uma menina acaricia-se a barriga da mãe dizendo «será um menina linda», se esta der um pontapé em resposta afirmamos com ar dócil «está a chamar a atenção, já é vaidosa, precisa de carinho». Quando se trata de um menino a atitude e as frases ditas são outras quando este pontapeia a barriga: «é um rapaz forte, não para quieto» dizemos com uma expressão cheia de genica na face.

Após a nascença do bebé a roupa com que o vestimos — e quando me refiro à roupa refiro-me também a todos os elementos que completam a indumentária, tais como, acessórios, sapatos, cores seleccionadas, etc. —, serve em muitas das ocasiões como condição determinadora e diferenciadora dos sexos.

³⁸ Butler, Judith. «Variações sobre sexo e género – Beauvoir, Wittig e Foucault», in *Variações sobre Sexo e Género*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte, págs. 162 e 3.

Se o bebé estiver vestido com uma roupa cor-de-rosa supomos tratar-se de uma menina, se a roupa for azul certamente será menino. A roupa funciona como operador activo na reafirmação do género, pois não me parece que a escolha de uma cor tenha qualquer tipo de justificação científica alicerçada nas diferenças de sexo. Estas convicções na sua totalidade são adoptadas por todos, por uns mais do que por outros, e são transmitidas de uma geração à sua subsequente. As instituições de socialização, quer seja a família, ou a escola, ou ainda numa fase posterior, a faculdade e os *media*, desempenham de forma assaz a sua função na educação atribuída distintamente para os dois sexos. E em todas estas instituições aprendemos desde sempre que existe um vestuário adequado para a mulher e um outro para o homem.

Todavia, não quero com isto dizer que a criança seja um robô em que se lhe introduz, de quando em quando, a informação que se pretende veicular, sendo posteriormente reproduzida sem qualquer hesitação por este ser autómato. A socióloga Ana Nunes de Almeida alerta para a permanência de uma perspectiva errónea que entende a socialização primária de forma reducionista, em que a criança é configurada a bel-prazer pelo universo dos adultos, sem que haja uma dinâmica bilateral. É necessário reafirmar que como em qualquer acto de socialização está implícito um cruzar de realidades de ambas as partes, em que ambas são possuidores de poderes, mas ainda assim, podendo ter poderes diferentes.

«As teorias de socialização revelaram-se prisioneiras de uma visão demasiado reducionista do modo de integração da criança na sociedade dos adultos, entendido como um processo reprodutivo e linear de aquisição de competências do simples para o complexo, a ocorrer num só sentido. (...) Excluía-se certamente o inverso, isto é, a criança que molda e constitui o adulto, a criança com capacidade para reproduzir o seu cenário educativo.»³⁹

Poderemos assim afirmar que também a criança, no decorrer do processo de socialização, tem o poder de moldar a realidade do adulto, obrigando-o a reconsiderar valores ou modos de estar. Lembremo-nos então daquelas crianças que se recusam a ser vestidas de acordo com a indumentária «gendrizada» que a sociedade lhe determinou.

³⁹ Almeida, Ana Nunes de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, col. «Breve Sociologia», Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pág. 15.

Nestes casos as crianças insistem para que os seus pais as vistam de outro modo, o menino poderá sustentar em vestir saias próprias do sexo oposto, ou a menina recusar um vestuário efeminado em prol de um masculinizado. Neste processo de socialização são contrariados pelas crianças os cânones impostos na sociedade obrigando a que estes sejam repensados.

Porém, mesmo havendo uma faca de dois gumes, o processo de socialização implica um contrariar das exigências das crianças e uma imposição das regras preestabelecidas por parte dos adultos. Quando a criança se recusa a aceitar as dinâmicas deste processo é posteriormente castigada, sob a forma de desaprovação e de rejeição de afecto pelas demais pessoas. Caberá à criança, e o mesmo ocorre com qualquer ser humano colocado numa situação de conflito, acatar estas imposições vivendo segundo as normas determinadas, ou rejeita-las ficando sujeita às implicações de tal escolha. Na realidade, ou pelo menos tudo leva a crer que sim, a maioria das pessoas optam por se vestirem em consonância com as restrições de género sem se questionarem muito sobre o assunto; compactuam com estas regras do vestir que promovem as diferenças de género, afinal escapar às normas do vestuário parece ter uma dificuldade acrescida.

Assiste-se subsequentemente à instrumentalização do vestuário como reafirmante das diferenças biológicas dos dois sexos, transpondo-as para uma diferenciação de género numa perspectiva antagónica e redutora. Ainda que os pais optem por uma roupa de cor unissexo — amarelo, vermelho, castanho — para os filhos e filhas, as diferenças na maneira como as encaramos persistem. O que acontece, em muitos dos casos em que os pais optam por esmaecer as diversidades de um menino para uma menina, é que apesar disto salientam essas distinções de uma outra forma: Colocam um gancho de cabelo à menina e um boné num estilo desportivo ao menino. Ainda que ambos possam ser vestidos pelos pais num traje semelhante e de cores iguais, os acessórios que envergam distinguem-se salientando o modo desigual como o mundo os vê e como eles irão ver o mundo.

Tenho ainda de referir um estudo realizado em Portugal na área da Psicologia Aplicada, divulgado pela revista *Máxima* de Setembro de 2000, e ao qual Alice Marques faz referência no seu livro *Mulheres de Papel*:

«Um mesmo bebé era vestido ora de azul ora de cor-de-rosa e mostrado a pessoas adultas. Nunca foi dito o sexo da criança. Mas, quem a via presumia que era rapaz ou rapariga pela roupa que trazia vestida. Quando vestido de azul o bebé fazia os adultos dizerem coisas como “Que choro tão forte que ele tem!”, “Como me aperta o dedo com força!”, “Que grande rapaz que ele é”. Quando vestida de cor-de-rosa, a criança fazia com que as pessoas que a viam dissessem: “Que bonitinha!”, “Que querida!”, “Que olhos tão bonitos que ela tem”. Sem nos darmos conta, acabamos por fazer distinções entre os sexos até no modo como tocamos nas crianças, na forma como as acariciamos. É inconsciente, mas não deixa de ficar gravado para sempre.»⁴⁰

Estes aspectos referentes à socialização primária a que cada ser humano é submetido e que moldam a identidade social para toda uma vida, fazem crer que divergentes características desenvolvidas ao longo da existência por homens e mulheres sejam vistas como algo de natural e próprio de cada um dos sexos. Não é pensado que tanto a mulher como o homem são desiguais, para além das diferenciações biológicas, também pelas educações díspares a que foram submetidos ainda que como apenas bebés. O que é importante ter em atenção é o facto dos estudos sobre as crianças apontarem pequenas diferenças nas funções emocionais e cognitivas tendo por suporte o sexo. Mas, tal circunstância não nos retrai a ressaltarmos ainda com mais empenho essas distinções, mesmo que para tal, utilizemos a roupa como veículo de afirmação e de diferenciação de género.

Ao termos em análise a roupa destinada às raparigas, apercebemo-nos que lhes está associada um role de exigências no que respeita ao modo de se apresentarem. Ainda que o conceito de roupas semelhantes para mulheres adultas e raparigas se tenha dissimulado, a mensagem de preocupação com o vestuário a que as meninas devem estar submetidas é constantemente transmitida, quer na família como também na escola. As meninas devem apresentar-se vestidas com esplendor e elegância evitando nas brincadeiras a perca de postura. Ana Piedade⁴¹ enuncia um exemplo que faz parte da nossa memória da infância reflectindo os cuidados com a roupa a que as raparigas estão sujeitas:

⁴⁰ Artigo citado por Pedro Vasconcelos na revista *Máxima* de Setembro de 2000, n.º 144.

⁴¹ Ana Piedade é membro do C.E.E.P. – Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa – e mestre em antropologia.

«Algumas das auxiliares de acção educativa têm já chamado a atenção das raparigas que usam saias e brincam nos feros (dando cambalhotas, pendurando-se e balançando-se), dizendo-lhes que “é uma vergonha mostrarem-se assim aos colegas”. Os rapazes, por seu lado, têm uma maior aceitação e liberdade no que concerne às posturas adoptadas (...)»⁴².

Os rapazes, ao contrário das raparigas assim como é referido, são remetidos para um imaginário de liberdade sem constrangimentos, sendo incentivados a competir entre si mostrando atitudes por vezes agressivas com o intuito de se afirmarem. Mas esta atitude liberta, associada ao masculino esconde a rejeição total ao feminino como forma de expressão homofóbica. É incentivado aos rapazes a recusa das representações femininas quase na sua totalidade. As saias, os ganchos de cabelo, as rendas e as cores rosa são designadas como sendo representações de feminilidade, que os meninos devem recusar, pois em caso contrário a sua virilidade poderá ficar manchada.

Curiosamente, o vestuário feminino desconstruiu grande parte dos seus alicerces nas últimas décadas. As mulheres vestem tanto saias como calças, não deixando de serem femininas com tal postura. Dentro de certos parâmetros é certo, mas ainda assim podem optar por um *look* em que os elementos tidos como femininos se destacam, ou por outro de referências masculinas. As opções de escolha tornaram-se mais abrangentes para o sexo feminino possibilitando brincar com a sua feminilidade balanceando-a com uma dose de masculinidade. As próprias meninas têm mais escolhas disponíveis relativamente aos meninos, sendo esta uma das principais menções apontadas pelos pais e mães.

⁴² Piedade, Ana Felisbela (1996). «No Trilho dos Pequenos Deuses», in *Revista Arquivos da Memória – Memória e Sociedade*, n.º 1, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, pág. 45.

IV. METODOLOGIA E MODELOS DE ANÁLISE

IV. 1. Variáveis em análise

Após estar construído o quadro teórico conceptual, foi tido em valor um conjunto de variáveis formuladas com intuito de recolher empiricamente os resultados pretendidos. Variáveis tidas em análise:

1. Sexo dos conjugues;
2. Idade dos conjugues;
3. Estatuto económico-cultural e social;
 - 3.1. Formação académica do conjugue
 - 3.2. Status socio-económico do casal
4. Sexo dos filhos;
5. Decisão da escolha do vestuário dos filhos;
 - 5.1. Hábitos de compra de roupa dos filhos
 - 5.2. Divisão de tarefas no que respeita a vestir os filhos
6. Percepções de estereótipos de género relativamente ao vestuário.

IV. 2. Determinação da amostra

As normas no vestuário em cruzamento com os estereótipos de género transmitidos de uma geração à seguinte estavam definidas como a base da minha reflexão. Perceber parte do processo de interiorização dessas normas, do vestir associadas ao género, implicava redireccionar o foco para a infância, fase primeira em que as regras do vestuário são ensinadas. É colocado em perspectiva de que são os pais os principais condutores neste percurso de assimilação das regras do vestir por parte das crianças.

Em consequência desta linha de pensamento, pareceu-me evidente que recaísse a observação empírica sobre um casal heterossexual com filhos ainda pequenos, em que os estereótipos de género, numa dicotomia masculino versus feminino, poderiam estar bem alicerçados.

Por outro lado, achei de maior interesse limitar a amostragem a um nicho com formação superior, portanto bem informado e academicamente instruído, de uma classe média alta, com um favorecido poder económico, e ainda, em muitas das circunstância ligado a cargos de direcção em empresas ou a uma situação profissional estável. Esta opção consagrou-se sobretudo com o intuito de verificar se, uma situação sócio-cultural e económica alta implicava ou não uma reprodução dos estereótipos de género. Isto porque acredita-se por vezes, e de forma errónea, que uma classe mais instruída tende a não reproduzir com tanto aferro os estereótipos de género, relativamente a uma menos formada academicamente.

Elementos tidos em atenção na selecção da amostra:

- Meio burguês urbano na cidade de Lisboa ou Porto.
- Formação académica de nível superior.
- Casal heterossexual.
- Idades compreendidas entre os trinta e quarenta anos.
- Casal com filhos ou filhas ainda pequenos, delimitando a idade máxima aos sete anos.

A mostra correspondeu a um nicho de seis casais correspondentes destas condições, ou seja a doze pessoas: seis mães e seis pais. Não se procurou assim ter uma grande representatividade, uma vez que a limitação do tempo também não o permitiria, mas construir antes uma base pertinente que coloca-se em relevo as normas do vestir associadas ao género.

Um outro aspecto tido em atenção na selecção dos casais, e que vejo necessidade de referir, prende-se com sexo da criança, pois, tentou-se estabelecer o mesmo número

de casais com filhos e com filhas, afim de se apurar se as praticas dos pais e das mães para com os mesmo se apresentavam iguais de acordo com o sexo da criança.

IV. 3. Definição da metodologia e técnicas de observação

A escolha de um determinado método de observação ou de recolha de dados que se mostrem pertinentes ao estudo em detrimento de outros revela-se uma tarefa complexa. Nem sempre a linha de orientação delineada em início pode ser verdadeiramente aplicada, pois, ao longo do percurso da investigação há que fazer ajustes metodológicos com o objectivo de ir ao encontro de respostas relevantes. Mas ainda assim, foi estipulado os seguintes métodos de observação:

1. Formulário aplicado em forma de questionário fechado de identificação e de caracterização sociológica (ver apêndice I).
2. Entrevista semi-estruturada em que as temáticas a serem colocadas em destaque estavam definidas *a priori*, mas a ordem das perguntas aplicadas seria aleatória, dependendo da interacção conseguida entre entrevistadora e inquirido (ver apêndice II).

A utilização de um questionário fechado teve como principal objectivo a identificação do inquirido, acendendo desta forma a um conjunto de dados que possibilitaram uma caracterização sócio-cultural e profissional dos casais entrevistados. Os dados obtidos através deste formulário foram tidos como instrumentos elucidativos na análise dos resultados finais apresentados.

No que respeita à opção da entrevista semi-estruturada tida como método de observação, esta foi utilizada no sentido de fazer uma investigação exploratória e qualitativa, em que os valores e comportamentos dos entrevistados, relativamente ao vestuário dos seus filhos ou filhas, pudessem ser analisados numa perspectiva de género. Os inquiridos seriam assim encaminhados ao longo da entrevista em função das problemáticas que se queriam explorar, sendo-lhes permitido falar mais demoradamente de algum assunto que quisessem confessar. Porém, para alguns dos inquiridos,

sobretudo os do sexo masculino, a dificuldade encontrada pelos mesmos em responder às questões colocadas obrigaram a redimensionar a entrevista, foi por vezes necessário estabelecer um conjunto de questões como se de um questionário se tratasse.

É necessário também mencionar que o casal foi entrevistado separadamente com o objectivo de comparar as respostas de um dos elementos às do outro. Deste modo foi possível chegar a duas visões diferentes sobre o mesmo assunto, ainda que em certas circunstâncias houvesse um consenso, noutras porém, verificou-se opiniões divergentes sobre o mesmo assunto.

IV. 4. Instrumentos de investigação – análise do conteúdo

As entrevistas foram submetidas a uma análise do conteúdo no intuito de se averiguarem categorias correspondentes a comportamentos e atitudes em função do sexo dos entrevistados. Foi importante estabelecer *a priori* que a visão das mães sobre a temática abordada nas entrevistas poderia divergir da percebida pelos pais, assim como também, a forma de alguns pais e mães encararem os seus filhos poderia divergir quando se tratava de ser um filho ou filha.

Não se pretendeu ainda nesta abordagem fazer uma análise estatística destacando números, pois sendo a amostra reduzida e havendo uma limitação de tempo tal não seria possível, mas sim, recolher um conjunto de informações que pudessem ser problematizadas do ponto de vista teórico. Como tal, não só as respostas em si serviram de base para uma problematização e consequente análise, mas a forma de agir dos entrevistados, de se expressarem e o modo como lidavam com o tema foram igualmente tidos em consideração.

No que respeita aos formulários, os dados daqui recolhidos foram compilados de forma a se poder estabelecer paralelismos entre os casais (ver apêndice C).

V. RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

V. 1. O homem alienado do vestuário

Os resultados obtidos através das entrevistas realizadas aos pais confirmaram efectivamente a permanência de estereótipos de género na escolha do vestuário para os seus filhos, achando que o mesmo tem uma base natural proveniente das diferenças próprias dos dois sexos.

Há ainda que fazer notar que as mães se revelaram mais disponíveis dominando com eficácia garantida o tema aquando da entrevista, falando abertamente e sem necessidade de recorrer a muitos incitamentos. Após ser exposta uma interrogação as mães procuravam responder detalhadamente, fazendo denotar que efectivamente sabiam daquilo que estavam a falar, pois participavam activamente na aquisição e selecção da roupa dos seus filhos. O vocabulário utilizado nas descrições era diverso e sabiam exactamente as peças essenciais que constituíam o guarda-roupa dos seus filhos.

No que toca aos entrevistados do sexo masculino, estes mostraram-se muito inseguros com as respostas dadas, denotando pouco à vontade com a temática, assim como também, uma certa insegurança. Por um lado, alguns pais mencionaram que gostam de participar nas tarefas relacionadas com os filhos, pois acham que são tarefas que dizem respeito a ambos, pai e mãe. Porém, por outro lado, o vestuário ocupa uma conotação própria, como feminina, sendo uma temática que recai para as mulheres, neste caso para as mães.

No estudo realizado por Jean-Claude Kaufmann, a realidade francesa das divisões das tarefas no casal exigidas pelo cuidar da roupa são expostas. O sociólogo faz ainda uma reflexão sobre a roupa de casa como sendo considerado um domínio feminino ao longo dos tempos, isto em consequência de uma visão sobre a mulher em que esta «é considerada como sendo naturalmente devotada à família e dotada de um sentido prático para as coisas da casa»⁴³. Em muitos dos casos as próprias mulheres vivem divididas entre o partilharem as tarefas com os seus maridos e o de aceitarem tal incumbência como sendo uma afirmação feminina.

⁴³ Kaufman, Jean-Claude (2004). *O Labirinto Conjugal – O Casal e o seu Guarda-roupa*, col. «Desejos», Lisboa: Editorial Notícias, pág. 16.

Embora muitas das famílias em estudo não se debruçassem sobre a divisão destas funções, como as de engomar ou de colocar roupa na máquina, uma vez que estas incumbências ficavam ao cuidado de terceiros, a verdade é que a distribuição na aquisição e selecção da roupa dos filhos foram os instrumentos em que se verificaram distintas atribuições. Ora as tarefas ligadas ao vestuário são atribuídas às mães.

Em consequência desta visão, os pais mostravam-se um pouco desconfortáveis com o assunto referindo tal circunstância no final da entrevista; não conseguiam aplicar os termos correctos próprios do vestuário; faltavam-lhe as palavras, ou limitavam-se a responder como se de um inquérito de resposta afirmativa ou negativa se tratasse. Foi ainda necessário constantemente incentivá-los para que prosseguissem, sendo as suas respostas breves. Tal facto poderá revelar a permanência de estereótipos de género que apostavam na mulher o cuidado com a roupa da família, fruto de uma ligação entre mulher e roupa que se quer crer como natural.

Não poderemos prever que efeitos estas distintas atitudes atribuídas, à mãe e ao pai, terão nas crianças, ou se de alguma forma implicarão que no futuro o filho siga as pegadas do pai e a filha as da mãe. Contudo, podemos verificar, que o guarda-roupa masculino das crianças é menos diversificado que o feminino, sendo assim os meninos desenvolverão com pouca eficácia os domínios do vestir, as estratégias do vestuário e as diversas opções são-lhe excluídas. Em oposição as meninas, na diversidade com que se constitui o seu guarda-roupa, aprendem a dominar as calças, as saias, os vestidos, as carteiras, os ténis, as sabrinas; aprendem que para cada uma destas peças de roupa é necessário um diferente modo de estar, uma determinada postura. Os meninos ficam assim excluídos deste mundo feminino em que a apresentação elaborada é tida como afirmação do próprio sexo.

Talvez no futuro os meninos se apresentem alienados do universo do vestuário como consequência desta exclusão, tal como os seus pais se apresentaram nas entrevistas e se apresentam nas praticas do quotidiano. E talvez as meninas reproduzam os comportamentos das mães tomando o vestuário como domínio seu. Não podemos garantir que tal circunstância ocorra efectivamente, mas ainda assim podemos colocar essa hipótese.

V. 2. A ida às compras como afirmação maternal

«Ora se a criança não é, como revelam os estudos da infância, um ser totalmente dependente, vulnerável, imaturo, mas um sujeito com competências para produzir activamente o seu quotidiano, a própria representação da maternidade contemporânea deverá passar ao lado das tradicionais imagens da mãe que sobretudo protege, supervisiona e controla – para descobrir no seu lugar (ou ao lado) a mãe co-productora de infância e parceira da criança no processo educativo.»⁴⁴

Em muitos dos casais foi confessado que a função de escolha e de compra do vestuário dos filhos está atribuída às mulheres, revelando a permanência de modelos estereotipados. As entrevistadas apontaram os seguintes motivos para que a tarefa fosse normalmente efectuada por elas:

- Facilidade em realizar a tarefa. O gosto pelo vestuário passado de mãe para filha determina que as mulheres desenvolvam melhor uma capacidade em interagir com o vestuário, não que este gosto seja algo de contornos biológicos, mas porque é aprendido e desenvolvido ao longo da vida;
- O prazer pelas compras. A ida às compras é tida como uma tarefa essencialmente feminina sendo a sua prática estimulada como forma de afirmação feminina, pois é passada a ideia de que qualquer mulher que se preze tem um guarda-roupa recheado. Existe uma certa associação deste hábito ao universo das futilidades;
- Sentimento de pertença. É entendido por muitas mães que esta é uma tarefa que lhes está adstrita sem que haja razões para alterar tal circunstância. O universo do vestir irrompe como fosse uma forma de afirmação maternal que as mulheres não querem perder;

⁴⁴ ALMEIDA, Ana Nunes de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, col. «Breve Sociologia», Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, págs. 42 e 43.

- Necessidade em realizar tal tarefa provocada pelo constante crescimento das crianças. Esta ida às compras é provocada por uma preocupação constante com o bem-estar dos filhos.

Algumas mães fizeram o paralelismo entre a ida às compras para si e a ida às compras para os seus filhos. Uma tarefa surge em prosseguimento da outra, uma vez que antes de serem mães já frequentavam muitas vezes as lojas de vestuário. Na passagem a serem mães acabou por ser fácil adaptarem as compras não só em seu benefício, mas também em prol dos seus filhos.

«Sim, da mesma forma que gosto de comprar roupa para mim. Primeiro por uma questão de necessidade, já que ela está em crescimento e, por vezes, de um dia para o outro, pareço que fico sem roupa que lhe sirva. Por outro lado, gosto de escolher a roupa dela e sinto que isso é uma tarefa que me está atribuída e adstrita.» (Em1)

«Mas olhe sabe que agora que fala nisto, tem graça, é que em muitas das idas aos centros comerciais, comecei a perceber que vou sempre às lojas das crianças, comprar roupa para o meu filho. Eu que gostava tanto de comprar roupa pr'a mim, deixei de o fazer com tanta frequência e vou antes comprar roupa para o «Bruno». Agora ando sempre a pensar no que é que ele precisa, não é só por uma questão de achar giro é também por uma necessidade como já referi, eles estão sempre a crescer. É entrar no centro comercial para o meu filho.» (Em4)

Por outro lado, os homens demonstraram serem também eles levados pelas normas de género impostas, que ditam que a tarefa de comprar roupa para os filhos não é uma actividade própria dos homens. Apontaram como argumentos:

- Não gostarem muito de o fazer pois não se identificam;
- Falta de jeito uma vez que não são possuidores das competências certas para execução de tal tarefa;
- Cederem essas tarefas às companheiras ou esposas uma vez que elas gostam mais de comprar vestuário do que eles.

Porém, um dos entrevistados disse gostar de comprar roupa para a filha, e quando se dirigia a uma loja de roupa infantil requisitava sempre a ajuda das lojistas, tendo a opinião destas em conta.

Em relação à tarefa de vestir filhas e filhos de manhã, muitos dos entrevistados homens disseram que essa divisão tinha por base a disponibilidade de cada e que em geral era efectuada tanto por mães como por pais. Embora em confrontação com as entrevistas realizadas às suas esposas, estas revelassem que eram elas que efectuavam essa tarefa com maior frequência.

Um outro ponto a ter em balanço foi o apontado quanto à conjugação das peças que ficava maioritariamente a cargo da mãe, ou seja, algumas mães confessaram colocar a roupa dos seus filhos destinada a ser vestida no dia posterior em separado, para que na manhã seguinte os seus maridos tivessem somente que a vestir aos filhos e não perderem tempo a coordena-la.

«Quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe? A mãe, porque o pai acha que não sabe escolher a roupa e vesti-la.» (Em2)

«Acha que é por sua esposa ter mais apetências para escolher roupa? Com certeza... está nos genes. (risos)» (Ep3)

Houve um caso de um casal em que a mulher confessou que na ocorrência de ter de viajar por questões profissionais, deixava anteriormente a roupa estipulada a ser vestida, tanto para o filho como para o esposo. Afirmou inclusive que o esposo raramente escolhia a sua própria roupa e que antes de casarem era a mãe que realizava essa tarefa.

Estes hábitos visam a estabelecer o vestuário como pertença feminina, ainda que alguns pais demonstrem gostar de comprar roupa para os seus filhos e filhas, mas não possuírem competências para tal. Dificilmente as obterão se estas normas e práticas do quotidiano são seguidas e transmitidas de uma geração à seguinte; passadas de mães a filhas, de pais a filhos, numa diferenciação de género constantemente reproduzida.

Na maioria dos casos, os casais seleccionados eram apoiados a nível doméstico por serviços tais como amas, empregadas domésticas a tempo inteiro ou a tempo

parcial. Com isto a divisão de determinadas tarefas domésticas, como o engomar ou o apanhar da roupa, não se colocavam em debate no casal.

V. 3. Cor-de-rosa para a menina, azul para o menino

A prática corrente, e que dura até aos dias de hoje, de vestir os meninos de azul e as meninas de cor-de-rosa é primeiramente detectada em França, remontando aos finais do século XIX. Há que esclarecer que tal circunstância diz respeito somente ao mundo ocidental, não sendo patente em outras culturas. Michel Pastoureau aponta que este modo de vestir separadamente as meninas dos meninos se implementou em primeiro no meio burguês, alastrando-se posteriormente a todas as classes sociais.

Segundo este historiador da simbólica, os fundamentos do azul como cor masculina em oposição ao cor-de-rosa como feminina poderá encontrar os seus fundamentos nos finais da Idade Média. É precisamente nesta época que se retomam ritos antigos que opõem o azul ao vermelho, sendo o azul a cor associada à plenitude, à racionalidade e à inteligência e o vermelho a cor do sangue, do carnal e do pecado. Na transposição destas cores para as crianças optou-se por ameniza-las com tons pastéis, sendo assim, o azul daria lugar a um tom mais claro (o designado actualmente por azul-bebé) e o vermelho daria lugar ao cor-de-rosa.

Contudo, Pastoureau alerta também para as ambiguidades de tal separação em masculino e feminino, não se podendo estabelecer certezas, mas sim hipóteses quanto aos factos. Nem sempre ao longo da história o azul e o vermelho se opunham e noutras ainda não se distribuíam da forma que é concebida nos dias de hoje. No século XII o azul-claro assumia-se como a cor da Virgem Maria, do manto que a protegia, criando-se assim o hábito de o associar às meninas que deveriam transpor até ao casamento a sua virgindade imaculada. Por seu turno a paleta do vermelho ganhou ao longo dos séculos admiradores nas figuras dos reis que procuravam transpor uma visão de poder absoluta e grandiosidade.

Torna-se assim muito difícil saber com precisão os fundamentos de se atribuir ao menino a cor azul e à menina o rosa. Podemos colocar como hipótese os contributos da época romântica do século XIX na distribuição das cores em masculinas e femininas, mas ainda assim são meras hipóteses. Ora nesta linha de pensamento, o cor-de-rosa

ficaria associado às damas apaixonadas, com as suas faces rosadas, que se entregariam ao amor sem hesitação e morreriam pelo mesmo. Por outro lado o azul ficaria associado à razão e à inteligência tidas como características masculinas.

Longe de se obter o real veredicto, é certo que nos dias de hoje essa separação ocorre em larga escala e propagou-se nas mais diversas idades. Funciona como um código utilizado por todos para diferenciar bebês do sexo masculino dos bebês do sexo feminino, mas em que os adultos também se revestem. Os rapazes são retraídos muitas vezes a utilizar indumentária cor-de-rosa ou brinquedos com essa cor (também a de cor violeta ou roxa), mas por sua vez as meninas podem usar a cor azul em abundância, ainda que o rosa seja concebida como uma cor de afirmação feminina. É a cor que, a par com os violetas e os roxos, em tons mais fortes ou desmaiados, mais abundantemente se vê ser utilizada pela indústria de brinquedos e de roupas destinadas às raparigas.

Os pais mostraram-se mais remitentes em utilizar cor-de-rosa na roupa dos seus filhos rapazes relativamente às mães. Algumas mães fizeram sugerir que gostavam de utilizar pequenos apontamentos cor-de-rosa conjugados com outras cores como o castanho, uma risca numa camisa ou num casaco. Curiosamente houve mesmo um caso de um casal em que a mãe dizia gostar de comprar roupa com apontamentos cor-de-rosa para o seu filho, mas confessou evitar fazê-lo por o pai não gostar de ver meninos vestidos com essas cores. Poderá colocar-se a hipótese de haver alguma forma de associação à homossexualidade, mas ainda assim o pai em questão não se quis pronunciar sobre o assunto denotando alguma hesitação.

Todavia, conjuntamente com estas duas cores, muitas outras simbologias no vestir foram apontadas pelos pais relativamente as opções em função do sexo das crianças:

Ao rapaz...

- Cores azuis, verdes, castanhos, laranjas;
- Recurso a imagens de carros, animais e super heróis;
- Calças, calções, ténis, sapatos de atacadores;
- Padrões com riscas ou em xadrez;
- Bonés e fatos de treino.

Muitas mães com filhos do sexo masculino apontaram que se tivessem uma menina seria mais fácil de vestir, precisamente porque as meninas, segundo disseram, têm um maior leque de opções, podem vestir coisas mais diversificadas. No caso dos meninos torna-se mais chato, porque não variam muito entre calças e calções. As opções no mercado também são mais limitadas para os meninos do que para as meninas, embora já se comece a notar um desenvolvimento no vestuário dedicado aos meninos.

À rapariga...

- Cores rosas, violetas, roxos, brancos, azuis, verdes, vermelhos;
- Recurso a imagens da *Barbie*, da *Hello Kitty*, ou das princesas da *Disney*;
- Vestidos, saias rodadas ou *evasé*, sandálias, sabrinas;
- Padrões com flores, borboletas, bolinhas, riscas ou em xadrez;
- Fitas, bandoletes e ganchos de cabelo, carteirinhas, cintos, colares, pulseiras.

No caso das meninas, as opções mostram-se diversas, embora no conjunto dos vários elementos que completam a indumentária seja sugerido que se opte por um de feições femininas, enaltecedoras das qualidades de beleza e de meiguice.

Porém, ficou esclarecido que meninas e meninos são vestidos distintamente, e que tal circunstância levará a que sejam percepcionados de formas diferentes pelos outros, e que por outro lado, raparigas e rapazes aprendam formas de estar também elas desiguais.

«Acha que na possibilidade de ter um filho, vestia-lo de igual forma à presente filha? Não... aliás estou grávida de um menino e só agora é que estou a pensar nisso...» (Em1)

«A roupa da minha filha tem um estilo muito feminino, não podia vestir um rapaz da mesma forma, ficaria estranho.» (Em5)

Muitos dos pais e mães utilizarem como argumento que, se no caso de meninos e meninas fossem vestidos da mesma forma, «ficaria estranho, não ficava giro», numa

visão que lhes parecia natural, demonstrando que nunca se tinham questionado muito sobre o assunto, ou que estariam a pensar nela pela primeira vez.

Outros pais ainda apontaram que um menino vestido tal como uma menina, num vestido cor-de-rosa por exemplo, poderia cair no «ridículo», haver deste modo uma «disparidade», como sendo uma situação que absolutamente não teria qualquer sentido. Os meninos não vestem saias, parece ser algo bem adquirido na nossa sociedade.

Um outro aspecto a considerar, e que acho importante aqui referir, prende-se com a importância dada por parte dos pais às opiniões expressas por filhos e filhas em relação ao vestuário. Apesar de tenra idade, alguns pais revelaram que os seus filhos expressavam opiniões de desaprovação ou de preferência, rejeitando algumas peças, ou pedindo outras. É de referir o caso de uma mãe que disse recorrer a simbologias das princesas *Disney* e da *Barbie* sobretudo porque a filha gostava.

Há que considerar que o espaço da casa já não é dominado somente pelos pais, numa perspectiva em que estes representam a autoridade máxima, os filhos dão cada vez mais as suas opiniões e aprendem a expressá-las desde de cedo.

CONCLUSÃO

Quando me dispus a percorrer este caminho não podia imaginar a imensidão de descobertas obtidas. Estava assente que efectivamente o vestuário era um factor determinante na dinâmica que constitui a vida humana. Este era sem dúvida um ponto assente com o qual partia para a minha investigação. Porém, não ponderei que a dimensão fosse de tal jeito desmedida.

É certo que já ninguém tem dúvidas que todos nós nos vestimos de acordo com as regras de comportamento e conduta *a priori* estabelecidas, uma vez que fugindo a elas podemos cair no ridículo. Mas que fazer quando estas regras se tornam tão intrusivas, repercutindo-se na construção do género? Dificilmente poderia aqui ter respondido a esta questão, não que a vontade não me faltasse, mas as páginas revelaram-se poucas. Procurei somente tentar responder aquelas questões que se debruçavam sobre a transmissão de tais regras da pertença do vestir em função do género. Espero ter respondido a parte delas, ou pelo menos ter reflectido com seriedade sobre possíveis respostas.

Não há hipótese de duvidas de que homens e mulheres se vestem de acordo com o género que lhes foi atribuído, pois não ousemos cair no erro de achar que a cor rosa ou a azul estão ligadas ao sexo que se adivinhou no corpo com que viemos ao mundo, estão somente amarradas a um género que se estabeleceu a bel-prazer da vontade humana.

O ser humano parece assim ter encontrando no vestuário um conivente da manipulação que efectua ao seu próprio corpo, utilizando-o como instrumento na relação que estabelece com o outro, mas jamais se poderia prever que também o vestuário tivesse a capacidade de manipular a mente humana, tornando-se difícil decifrar, e fazendo jus a Virginia Wolf, se é o ser humano que molda o vestuário, ou se é o próprio vestuário que nos molda. Ainda assim, e mesmo não havendo uma resposta correcta para o caso, pode-se verificar que o vestuário é eficiente no que respeita à modelação da sociedade por género, dividindo-a em feminino e masculino.

Ora partido desta premissa novos caminhos se constituíram numa tentativa de perceber se esta divisão se concretiza realmente na sociedade contemporânea, tida como exemplo de modernidade e igualdade, e se ela se faz reproduzir numa fase essencial da vida em que os ensinamentos transmitidos ficam fortemente enraizados, a infância.

A dificuldade encontrada em tratar esta temática, que visava juntar num todo vestuário, género e infância, revelou-se aquando da determinação da metodologia mais eficaz a ser aplicada. Mas ultrapassadas essas contrariedades, ficou assente de que as entrevistas realizadas a pais e mães, sobre o vestuário dos seus filhos (e filhas), seriam a melhor forma de descortinar estas envolvências de interiorização de normas do vestir de acordo com os estereótipos de género.

No decorrer da realização das entrevistas deparei-me com o facto de os pais se encontrarem em desvantagem no que diz respeito ao conhecimento sobre o vestuário dos seus filhos, em comparação com as mães que se mostravam sabedoras desta temática. Tal facto, que já tinha sido colocado *a priori* em hipótese pela constatação teórica, obrigou que se efectuassem ajustes na abordagem utilizada na realização das mesmas, tentando ao máximo incentivar a continuação do diálogo, mas que em muitos dos casos se revelou ineficaz.

Esta particularidade foi decisiva para o entendimento do vestuário como pertença feminina, em que o homem é alienado destes contextos do vestir. Trata-se inclusivamente de uma forma de afirmação da sua masculinidade, esta negação do vestuário, recusando a aprendizagem das diversidades do mesmo, e por seu lado uma forma de afirmação feminina, que passa pela valorização constante do vestuário como atributo feminino.

Em consequência desta linha de pensamento, meninas e meninos apreendem o mundo do vestir de formas distintas, em parte porque os pais e mães os categorizam distintamente com esse intuito, para que as meninas se tornem mulheres, com todas as extensões que isso implica, e que os meninos se tornem homens opondo-se a grande parte dos elementos tidos como pertencentes ao mundo feminino.

O vestuário feminino infantil diverge em grande parte do vestuário masculino, verificando-se que o primeiro é constituído por uma maior diversidade de elementos, peças e cores permitidas de serem usadas, enquanto que o segundo, o vestuário masculino infantil, está cheio de entraves àquilo que é próprio ou não ser usado.

Estas imposições do vestir transmitidas aos filhos e as filhas visam reproduzir estereótipos de género, verificando-se uma permanência e manutenção dos mesmos, em que a mulher é remetida para os ditames da beleza e o homem para a renúncia dos mesmo.

Ainda assim é difícil determinar as verdadeiras implicações futuras nas crianças, em consequência das transmissões das regras do vestir em função do género. Poderemos ainda interrogarmo-nos se os pais perdem cada vez mais a voz na matéria, em que filhos e filhas são deixados mais libertos para vestir aquilo que bem lhes parece, ainda que exista uma passagem de regras por parte de outrem. Será a escola, incluindo aqui os infantários, um local em que a interiorização destes valores de género na forma de vestir são veiculados? Será que estes ensinamentos sobre o vestuário no que respeita ao género serão contrariados nas gerações futuras? Ou será que as crianças da contemporaneidade transmitirão estes ensinamentos tal como os seus pais lhes transmitiram? A situação apresenta-se assim mais complexa do que se poderia supor e responder a todas estas questões revela-se difícil.

Todavia, nesta investigação ficou patente que os pais entrevistados vestem os seus filhos de acordo com os estereótipos de género construídos socialmente, não significando que tal ocorrência aconteça num nível mais amplo, pois a amostra é restrita. Ainda assim coloca-se a hipótese que semelhantes resultados, ou iguais quem sabe, se poderiam verificar no âmbito nacional, sendo transversais aos vários grupos sociais. Não passa de uma mera hipótese mas, mesmo assim, parece-me que será pertinente coloca-la.

Talvez agora esteja um pouco mais perto de poder ilustrar as linhas com que se cose o género, mas ainda longe de perceber a verdadeira dimensão de tais contornos. Mas independentemente disto, espero que esta dissertação tenha contribuído um pouco mais, mesmo que da forma mais humilde, para um maior conhecimento da temática abordada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV. (1991). *A moda em Portugal através da imprensa 1807-1991*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- ALMEIDA, Ana Nunes de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, col. «Breve Sociologia», Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- ALMEIDA, João Ferreira de (1994). *Introdução à Sociologia*, Lisboa: Universidade Aberta.
- ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e (2005). *Do Tempo e da Moda – A moda e a beleza feminina através das páginas de um jornal, Modas & Bordado*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.
- ARIÈS, Philippe (1988). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, col. «Antropos». Lisboa: Relógio d'Água.
- AMÂNCIO, Lúcia (1994). *Masculino e Feminino – A construção social da diferença*, Porto: Afrontamento.
- AMÂNCIO, Lúcia (org.) (2004). *Aprender a ser Homem, Construindo masculinidades*, col. «Horizontes Universitário», Lisboa: Livros Horizonte.
- BADINTER, Elisabeth (1987). *O Amor Incerto – História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*, col. «Antropos», Lisboa: Relógio d'Água.
- BALZAC, Honoré de (2008). *Do Vestir e Do Comer – Algumas Notas...*, nº 16, col. «Textos Extraordinários», Lisboa: Padrões Culturais Editora.
- BEAUVOIR, Simone (2008). *O Segundo Sexo*, vol. I e II, col. «Clássicos Contemporâneos», Lisboa: Quetzal Editores.
- BERGER, Peter I. (1994). *Perspectivas Sociológicas*, Petrópolis: Vozes.
- BONADIO, Maria Cláudia (2007). *Moda e Sociabilidade – Mulheres e Consumo na S. Paulo dos anos 20*, S. Paulo: Editora Senac.
- BOURDIEU, Pierre (1989). *A Dominação Masculina*, col. «Extra», Lisboa: Celta.
- BOUTIN, Gérald, GOYETTE, Gabriel e LESSARD-HÉBERT, Michelle (2005). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*, col. «Epistemologia e Sociedade», Lisboa: Instituto Piaget.
- BUTLER, Judith (2004). *Undoing Gender*, New York: Routledge.
- BUTLER, Judith (2007). *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*, New York/London: Routledge.
- CAMPENHOUDT, Luc Van e QUIVY, Raymond (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, col. «Trajectos», Lisboa: Gradiva Publicações.
- CARDIM, Valter Carlos (1999). «A moda em Portugal no limiar do século XX» in *Revista Faces de Eva – Estudos sobre as Mulheres*, nº 1-2, Lisboa: Edições Colibri, pág. 87-120.

- COUTO, Anabela Galhardo *et al.* (org.) (2008). *Variações sobre Sexo e Género*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.
- CUCHE, Denys (2000). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, col. «Margens», Lisboa: Fim de Século.
- DANTAS, Júlio (2004). *As Modas Masculinas do século XIX em Portugal*, nº 11, col. «Ora e Outrora», Lisboa: Apenas Livros.
- DELAUNAY, Catarina (2001). *O Enredo Conjugal – Uma viagem à realidade quotidiana do consumo*, Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- DORFLES, Gillo (1996). *Modas & Modos*, col. «Arte & Comunicação», Lisboa: Edições 70.
- DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*, col. «O que é», Lisboa: Quimera.
- DUARTE, Cristina L. (2005). *Moda*, Lisboa: CTT.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle (1995). *As Mulheres e a História*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle (1996). *História das Mulheres*, vol. 5, Porto: Edições Afrontamento.
- ECO, Umberto *et al.* (1989). *Psicologia do Vestir*, nº 1, col. «Arte e Produção», Lisboa: Assírio e Alvim.
- FRIDAY, Nancy (1996). *The Power of Beauty*, Nova Iorque: Harper Collins Publishers.
- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*, Oeiras: Celta.
- GIDDENS, Anthony (1996). *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, col. «Sociologias», Oeiras: Celta.
- GIDDENS, Anthony (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal*, col. «Sociologias», Oeiras: Celta.
- GIDDENS, Anthony (2008). *Sociologia*, Serviço de Educação e Bolsas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUIMARÃES, Maria Alice Pinto (2008). *Saberes, Modas & Pó-de-Aroz – Modas & Bordados, Vida Feminina (1933-1955)*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.
- GOFFMAN, Erving (1993). *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*, col. «Antropos», Lisboa: Relógio D'Água.
- HOLLANDER, Ann (1994). *Sex and Suits*, New York: Alfred A. Knopf.
- KAUFMAN, Jean-Claude (1995). *A mulher só e o Príncipe encantado*, col. «Desejos», Lisboa: Editorial Notícias.

- KAUFMAN, Jean-Claude (2004). *O Labirinto Conjugal – O Casal e o seu Guarda-roupa*, col. «Desejos», Lisboa: Editorial Notícias.
- KÖHLER, Carl (2005). *História do Vestuário*, São Paulo: Martins Fontes.
- LEHNERT, Gertrud (2001). *História da Moda – do século XX*, Colónia: Könnemann.
- LIPOVETSKY, Gilles (1989). *O império do efêmero – A Moda e o seu destino nas sociedades modernas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LIPOVETSKY, Gilles (2009). *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*, Lisboa: Edições 70.
- MARQUES, Alice (2004). *Mulheres de Papel, Representações do corpo nas revistas femininas*, col. «A mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.
- MARQUES, Gabriela Mota (2007). “*Cabelos à Joãozinho*” – *A Garçonne em Portugal nos anos vinte*, col. «A Mulher e a Sociedade», Lisboa: Livros Horizonte.
- MORENO, Rachel (2008). *A Beleza Impossível – mulher mídia e consumo*, São Paulo: Editora Ágora.
- NALDINI, Manuela e SARACENO, Chiara (2003). *Sociologia da Família*, col. «Temas de Sociologia», Lisboa: Editorial Estampa.
- PASTOUREAU, Michel (1997). *Dicionário das Cores do Nosso Tempo – Simbólica e Sociedade*, col. «Teoria da Arte 20», Lisboa: Editorial Estampa.
- PIEDEDE, Ana Felisbela (1996). «No Trilho dos Pequenos Deuses», in *Revista Arquivos da Memória – Memória e Sociedade*, nº 1, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, pág. 41-56.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2007). *Mocidade Portuguesa Feminina*, col. «História séc. XX», Lisboa: Esfera dos Livros.
- PONTE, Cristina (2005). *Crianças em Notícia – A construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- ROCHER, Guy (1979). *Sociologia Geral*, vol. 1 e 2, Lisboa: Editorial Presença.
- TERTULIANO (1974). *A moda Feminina*, «Origens do Cristianismo», Lisboa: Verbo.
- TURNER, Bryan S. (ed.), (2002). *Teoria Social*, col. «Memória e Sociedade», Algés: Difel.
- WALTER, Anne B. (Setembro de 2007). «O Poder das Aparências», in *Revista Máxima*, n.º 226, Lisboa, págs. 100-103.
- WOLF, Naomi (1991). *The Beauty Myth - How images of beauty are used against women*, London: Vintage Books.
- WOOLF, Virgínia (2007). *Orlando – uma biografia*, col. «Biblioteca de Editores Independentes», Lisboa: Relógio de d'Água.
- VIGARELLO, Georges (2004). *A História da Beleza – o corpo e a arte de embelezar*, Lisboa: Teorema.

ANEXOS

Apêndice A: Formulário

Caracterização do(a) entrevistado(a):

Sexo: F ☐ M ☐

Nome: _____

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Caracterização do(a) filho(a):

Sexo: F ☐ M ☐

Nome: _____

Idade: _____

Apêndice B: Guião da entrevista

Hábitos de compra:

Verificar quem compra com maior frequência, o pai ou a mãe, tentando assim perceber quem escolhe a roupa dos filhos ou filhas.

Quem, no casal, vai mais vezes às lojas de roupa infantil, ou assume esse gosto.

Dificuldades encontradas aquando a ida às compras.

Hábitos do Vestir:

Procurar saber quem veste o filho ou filha no quotidiano, e de igual forma quem selecciona o vestuário nestas ocasiões conjugando as peças. Em função da resposta, tentar posteriormente descortinar os motivos dessa ocorrência.

Se de alguma forma o filho ou filha demonstra algum gosto ou preferência.

Roupa seleccionada:

O que compram para os seus filhos ou filhas, definindo padrões, cores, peças de roupa, acessórios que utilizem com maior frequência.

Apurar se tanto o pai como a mãe dominam o assunto, ou se têm alguma dificuldade em descrever o vestuário.

Identidades e estereótipos de género:

Averiguar se existe algum tipo de estereótipos de género associados ao vestuário dos filhos ou filhas.

Perceber se existe uma procura de identificar através da roupa o filho com o pai e a filha com a mãe.

Apêndice C: Quadro da amostra

Identificação	Idade	Habilitações literárias	Profissão	Local de residência	Nº filhos	Sexo filhos	Idade
Em1	33	Pós-graduada	Directora de Escola de Hotelaria	Porto	1	Feminino	2
Ep1	33	Doutorando	Técnico Superior e Professor Universitário				
Em2	33	Licenciada	Gestora de bolsas de Estudo	Porto	1	Masculino	18 meses
Ep2	40	Licenciado	Mediador de seguros				
Em3	38	Mestrado	Economista	Lisboa	1	Feminino	3
Ep3	42	Mestrado	Director em Empresa de Engenharia Informática				
Em4	33	Licenciada	Directora Executiva	Lisboa	1	Masculino	2
Ep4	35	Mestrado	Director Executivo				
Em5	34	Licenciada	Tradutora	Lisboa	1	Feminino	7
Ep5	39	Licenciado	Gestor				
Em6	35	Licenciada	Economista	Lisboa	1	Masculino	4
Ep6	37	Licenciado	Economista				

Legenda do quadro:

Em = Entrevista mãe

Ep = Entrevista pai

Apêndice D: Entrevistas

(Os nomes aqui utilizados são fictícios, na intenção de manter o anonimato.)

1.1. Entrevista mãe – Em1

Falando da ida à compras, dos hábitos relativos ao vestuário da vossa filha. Quem compra com mais frequência a roupa para a sua filha? O pai ou a mãe?

A mãe.

Acha que é por ter mais apetências?

Não, não acho que seja isso. Tenho mais vontade apenas e ocasiões para isso.

Sendo assim gosta de comprar roupa para a sua filha?

Sim, da mesma forma que gosto de comprar roupa para mim. Primeiro por uma questão de necessidade, já que ela está em crescimento e por vezes de um dia para o outro pareço que fico sem roupa que lhe sirva. Por outro lado, também gosto de escolher a roupa dela e sinto que isso é uma tarefa que me está atribuída e adstrita.

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

Sim

Já comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Sim. Algumas peças dão tanto para um rapaz como pr'a uma rapariga, nestas idades pelo menos.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

Ultimamente tenho sido eu mas é uma questão de conveniência: Quem está mais adiantado e pode ajudar o outro... ou quem tem que ir trabalhar mais cedo e o outro é que a veste. É equilibrado.

Tente-me descrever o vestuário da sua filha, nomeando as peças de roupa com que mais veste?

Não considero ser uma mãe que compra roupa em excesso para a sua filha. Vou variando nas roupas que lhe visto em função do que vou comprando. Geralmente opto por saias, saias com peitilho e vestidos. Gosto de conjugar com camisas, camisolas e collants coloridos. Opto sempre por roupa de cores alegres. Nesta estação por exemplo optei por ter umas camisolas de gola alta de cor única, verde alface, rosa e azul petróleo, de lã e várias camisolas básicas de gola alta para conjugar.

Comprei ainda algumas camisas brancas, azul e rosa, coloridas e uns pares de calças: 2 de ganga, ganga pretas, ganga verde pistacho, sarja castanho. E várias saias: de ganga, verde pistacho, rosa choque, ... sei lá... acho que foi isto.

Portanto utiliza cores alegres?

Sim, cores alegres e que permitam conjugar peças entre si... se vir peças azul turquesa com blusas, camisolas, t-shirts que dê para combinar, eu compro. Regra geral gosto de cores alegres e vivas como rosa-choque, azul-turquesa, amarelo, laranja, roxo, verde alface...

E alguma cor que nunca vestiria à sua filha?

Nenhuma.

E alguma peça de roupa que nunca vestiria?

Não tenho nenhuma peça à partida que não vestiria à minha filha. Procuro vestir-lhe o que gosto e que seja confortável.

E acessórios utiliza?

Um pulseiras, colares coloridos, ganchos, cintos, carteirinhas tipo malas...

Há algum tipo de acessório que jamais usaria na sua filha?

Não... mesmo princípio da bocado, desde que eu goste e seja confortável para ela...

Recorre a simbologias das princesas da *Disney*, da *Barbie*, ou ainda de outra figura feminina animada para a roupa da sua filha?

Não.

Qual o estilo de roupa com que veste a sua filha?

Feminino.

Acha que a roupa que veste à sua filha seria possível ser vestida por um menino? Ou acha que só uma menina poderia vesti-la?

Compro roupa feminina pelo que não vejo que seja muito fácil vestir um menino com ela... talvez a excepção possam ser as t-shirts ou os pólos...

E acha que de alguma forma a roupa poderá transparecer a personalidade da sua filha?

Acho que as cores alegres inspiram comportamentos alegres e a minha filha é uma criança com muita vida, bem-disposta e que irradia felicidade...

A sua filha já escolhe alguma a roupa dela ou demonstra já ter algumas preferências?

Não escolhe propriamente, apesar de ocasionalmente demonstrar algumas preferências, como por exemplo, não quer vestir golas altas, prefere roupas de cores alegres e vivas.

Acha que na possibilidade de ter um filho, vestia-lo de igual forma à presente filha?

Não... aliás estou grávida de um menino e só agora é que estou a pensar nisso...

Alguma vez sentiu que estava a vestir a sua filha à sua própria imagem?

Não, não. Porque a roupa dela está muito de acordo com a idade.

1.2. Entrevista pai – Ep1

Em relação ao vestuário e a ida às compras. Quem compra com mais frequência a roupa para a sua filha? O pai ou a mãe?

A mãe, sem dúvida...

Mas porque acha que isso acontece?

Ela gosta mais de ir às compras do que eu.

Não gosta de comprar roupa para a sua filha, pode ser outro motivo, ou não?

Não, até gosto.

Portanto, quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

Sim, peço ajuda à vendedora.

Já comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Não.

E de manha quem veste a sua filha com mais frequência, o pai ou a mãe?

É igual, ajudamo-nos mutuamente e veste a nossa filha quem tiver maior disponibilidade.

A sua filha, de alguma forma, escolhe a roupa dela ou demonstra já ter algumas preferências?

Não escolhe a roupa mas, já é capaz de dizer que não quer vestir determinada roupa.

Quais as peças de roupa com que mais veste a sua filha?

Não sei bem... A mãe deixa sempre a roupa pronta de véspera para eu vestir.

Quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria a seu filha?

Não identifico nenhuma.

Utiliza acessórios de vestuário na sua filha?

Cinto.

Existe algum acessório que jamais usaria na sua filha?

Não identifico.

Quais as cores das peças de roupa que compra com mais frequência para a sua filha?

Foi como já disse, a mãe é que escolhe a roupa para a nossa filha e deixa preparada para eu vestir.

Acha que a roupa que veste à sua filha seria possível ser vestida por uma menina? Ou acha que só um menino poderia vesti-la?

Acho que lhe vestimos roupa de menina, reservada somente às meninas.

Acha que a roupa poderá transparecer de alguma forma a personalidade da sua filha?

Não. Ainda não é ela que escolhe a roupa por isso...

No caso de ter um filho, vestia-lo de igual forma à presente filha?

Sim.

Com as mesmas roupas?

Não. Isso não. Mas vestia-o de manha como faço agora.

Recorre a simbologias das princesas da *Disney*, da *Barbie*, ou ainda de outra figura feminina animada para a roupa da sua filha?

Não.

Qual o estilo de roupa com que veste a sua filha?

Hum...

Por exemplo: feminino, mais descontraído, desportivos, clássico, com elementos masculinos talvez...

Feminino e descontraído.

2.1. Entrevista mãe – Em2

Quem compra com mais frequência a roupa para o seu filho? O pai ou a mãe?

A mãe. Sou eu na maioria das vezes.

Acha que isso acontece porque tem mais apetências para escolher roupa para o seu filho do que o seu marido, ou o contrário?

Sim, porque acho que tenho mais noção de estética, daquilo que fica bem ou não. E depois porque gosto de ir às compras ao contrário do meu marido, que não gosta.

Diria portanto que gosta de comprar roupa para o seu filho?

Sim, adoro comprar roupa de homem e de rapaz, fazer as combinações, etc...

Portanto também compra muitas vezes roupa para o seu marido?

Sim, sim.

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

Sim, encaminho-me logo para a roupa de menino.

Mas já comprou roupa para o seu filho na secção contrária ao seu sexo ou isso nunca aconteceu?

Comprei apenas um casaco castanho na secção de menina, mas porque acho que daria para ambos os sexos.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

A mãe, porque o pai acha que não sabe escolher a roupa e vesti-la.

E o seu filho, de alguma forma, escolhe a roupa dele ou demonstra já ter algumas preferências?

Ainda não.

Olhando para o guarda roupa do seu filho, quais as peças de roupa com que mais veste o seu filho?

Calças de todo o tipo, calções com alças, camisolas, camisas, fato de treino, baby grow e pijamas sobretudo para dormir, Swets, pólos, que mais... t-shirts, botas, sapatilhas, meias calças e curtas.

E quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria o seu filho?

Roupa mais feminina, com cores femininas.

E acessórios no seu filho, utiliza?

Não

Há algum tipo de acessório que jamais usaria no seu filho?

Boné, porque não gosto, e tudo o que for acessório femininos não usaria.

E cores? Quais as cores das peças de roupa que compra com mais frequência para o seu filho?

Azul escuro e claro, verde, vermelho, castanho, bege, branco, cinzento.

Porquê esta opção?

Gosto das cores e acho que lhe ficam bem.

E na mesma lógica de à bocado? Quais as cores com que nunca vestiria o seu filho?

Cor-de-rosa, amarelo, preto, lilás, porque são cores que não o favorecem e que eu também não gosto.

Acha que a roupa que veste ao seu filho seria possível ser vestida por um menina? Ou acha que só um menino poderia vesti-la?

Acho que a maior parte da roupa que ele tem só poderia ser vestida por um rapaz.

Portanto no caso de ter uma filha, não a vestia igual ao seu filho?

Não

E simbologias? Recorre a algum tipo? De animais talvez...

A maior parte das vezes não.

Vestiria o seu filho com os símbolos da *Hello Kitty* ou *Barbie*?

Não porque são mais femininos.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Hum... Ainda não (risos)

Qual o estilo de roupa com que veste o seu filho?

Masculino, desportivo, descontraído, prático, clássico. Para as festas gosto de o vestir melhor, talvez menos descontraído.

De fato e gravata?

Hum... não tanto isso... mais clássico, de camisa e casaco sim.

Sente que de alguma forma procura vestir o seu filho à imagem do pai?

Não tenho isso como preocupação, mas poderei usar o mesmo estilo sim.

2.2. Entrevista pai – Ep2

Quem compra com mais frequência a roupa para o seu filho? O pai ou a mãe?

Mãe.

Acha que tem mais apetências para escolher roupa para o seu filho?

Não, não.

Gosta de comprar roupa para o seu filho?

Não, não gosto muito.

Quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

Sim.

Já comprou roupa para o seu filho na secção contrária ao seu sexo?

Não.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

A Mãe.

Porque acha que isso acontece?

Porque eu não tenho muito jeito.

E o seu filho, de alguma forma, escolhe a roupa dele ou demonstra já ter algumas preferências?

Não, mas gosta de sapatos.

E agora tentando visualizar o guarda-roupa do seu filho. Quais as peças de roupa que o seu filho mais veste?

Calças, calções.

Quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria o seu filho?

Roupa de menina “mulher”, cavadas e chinelos de dedo.

Porquê?

Porque detesto esse tipo de roupa.

Utiliza acessórios de vestuário no seu filho?

Não.

E existe algum que jamais usaria nele?

bandoletes, pins, crachás, pulseiras, brincos, chinelos de dedo, etc., etc.

E quais as cores das peças de roupa que compra com mais frequência para o seu filho?

Não costumo ser eu a comprar roupa, mas azul, porque lhe fica bem, condiz com a cor dos olhos.

E quais aquelas que nunca vestiria ao seu filho?

Cor-de-rosa.

Acha que a roupa que veste ao seu filho seria possível ser vestida por um menina?

Não, eventualmente algum fato de treino, só isso.

E no caso de ter uma filha, iria vesti-la igual ao seu filho?

Não, ia ser diferente.

Recorre a que simbologias para vestir o seu filho?

Nenhuma.

Vestiria o seu filho com os símbolos da *Hello Kitty* ou *Barbie*?

Não.

Porquê?

Porque são femininos.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Ainda não.

Acha que a roupa poderá transparecer a personalidade do seu filho?

Nesta idade não.

Qual o estilo de roupa do seu filho? Consegue descrever?

Hum...

Feminino, masculino, desportivo, romântico, descontraído, etc.?

Masculino, desportivo e descontraído, conforme as situações.

Procura vestir o seu filho à sua imagem?

Sim.

E agora com sinceridade, sentiu alguma dificuldade em responder sobre o tema?

Sim.

3.1. Entrevista mãe – Em3

Quem compra com mais frequência a roupa para a sua filha? O pai ou a mãe?

A mãe

Acha que é por ter mais apetências para escolher roupa para a sua filha, mais jeito?

Também, eu gosto de ir às compras e o meu marido não gosta de comprar roupa. Por isso...

Portanto gosta de comprar roupa para a sua filha?

Sim...é uma tentação.

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

sim

Então nunca comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Não, acho que nunca aconteceu.

E em relação a quem veste a sua filha, é o pai ou a mãe?

Ambos, tanto faz ser um ou outro, depende do tempo que cada um tem. Mas 90% das vezes sou eu que escolho a roupa.

... que faz as conjugações?

Sim, sim isso.

E a sua filha, de alguma forma, escolhe a roupa dela ou demonstra já ter algumas preferências?

Sim, dá opinião e escolhe os sapatos.

Visualizando a todo o vestuário da sua filha, quais as peças de roupa com que mais a veste?

Vestidos, saias e calças

E utiliza acessórios de vestuário?

Poucos, não utilizo muito. Às vezes ganchos e bandoletes.

Há algum tipo de acessório que jamais usaria?

Não, não estou a ver nenhum.

E quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria à sua filha?

Folhos porque não gosto.

E sobre as cores que mais escolhe para a roupa da sua filha?

Todas com muito rosa.

Gosta de usar essa cor?

Sim, sim. Acho que fica bem nas meninas e eu pessoalmente gosto da cor.

E aquelas que não gosta de usar na sua filha?

Nenhuma, mas preto visto muito pouco.

Acha que a roupa que veste a sua filha seria possível ser vestida por um menino?

A roupa é de menina...

Portanto no caso de ter um filho, não o iria vestir de igual forma?

Não... logicamente que não, seria a mesma tipologia de roupa, o mesmo estilo e assim, mas obviamente não vestiria vestidos nem saias...

E esse estilo que fala é...

Hum... Feminino e descontraído.

Acha que a roupa poderá transparecer a personalidade da sua filha?

Agora acho que demonstra mais a minha, como sou eu que escolho...mas dentro de pouco tempo será certamente a personalidade dela...

Já recorre a simbologias das princesas da *Disney* ou da *Barbie*, ou ainda de outra figura feminina animada para a roupa da sua filha?

Às vezes mas não muito... Eu não ligo muito a isso sabe ?! e nem gosto especialmente, mas ela gosta e eu acabo por comprar algumas coisas.

Procura vestir a sua filha à sua própria imagem?

Tento não o fazer mas parece-me natural que reflecta os meus gostos.

3.2. Entrevista pai – (Ep3)

Falando do vestuário da sua filha. Entre o pai e a mãe, quem compra mais vezes roupa?

Pai!! (risos)

Deduzo portanto que é o contrário, a mãe correcto?

Sim é.

Porque acha que isso acontece, acha que é por sua esposa ter mais apetências para escolher roupa?

Com certeza... está nos genes (risos)

Gosta de comprar roupa para a sua filha?

É indiferente.

Mas já comprou roupa?

Sim...

Sozinho?

Acho que não...mais com a «Fernanda».

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar a roupa que é para menina e para menino?

Sim, com certeza!!

Já comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Não (franzir do sobrolho)

E no que respeita a vestir de manha, quem veste a sua filha com mais frequência, o pai ou a mãe?

É aproximadamente igual.

Tentando visualizar o guarda-roupa da sua filha, quais as peças de roupa que mais veste?

Vestidos e calças.

Quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria o seu filho?

Não sei.

E acessórios utiliza alguns no vestuário da sua filha?

Sim. Cinto, luvas, mala de mão...

Há algum tipo de acessório que jamais usaria na sua filha?

Não sei bem. Mas acho que não.

E no que toca às cores da roupa?

Creme, o castanho, rosa.

Alguma preferência por essas cores....

Ficam-lhe bem.

E aquelas cores que nunca vestiria à sua filha?

Eu acho que todas servem desde que bem enquadradas.

Em suma, acha que de alguma forma a roupa que veste à sua filha seria possível ser vestida a um menino?

Não, não!!

Mas porquê?

Porque a roupa da «Maria» é assim feminina... não sei...

Portanto a roupa da «Maria» tem um estilo feminino?

Sim

Mas mais descontraído, desportivo ou clássico talvez?

Hum... feminino e desportivo.

Portanto no caso de ter um filho, não o vestia da mesma forma que a «Maria»?

Não, claro que não.

E já recorreu a imagens das princesas da *Disney*, da Hello Kitty, ou de outra figura feminina animada?

Não. Nunca aconteceu esse paralelismo.

Acha que de alguma forma a roupa poderá transparecer a personalidade da sua filha?

Sim. É um dado adquirido da sociedade. A forma como as pessoas se apresentam é importante.

E normalmente vestem o que gostam...

E a sua filha, de alguma forma, escolhe a roupa dela ou demonstra já ter algumas preferências?

Por vezes já pretende escolher a roupa, mas no fundo ainda somos nós que decidimos, penso eu.

4.1. Entrevista mãe – Em4

Tentando falar da roupa do seu filho, dos hábitos, das idas às compras. Quem compra com mais frequência a roupa para o seu filho? Como é que isso funciona?

Sou eu que compro mais, sempre. Primeiro porque gosto ao contrário do «João» que não gosto nada. Sempre gostei de comprar pr'a mim sabe. Vou muitas vezes compra roupa, mas não só, gosto de comprar os brinquedos, andar a ver aquilo que o «Bruno» poderia gostar.

Às vezes também é preciso não é?

Pois. Muitas das vezes é uma questão de necessidade, nestas idades estão sempre a crescer. Estou sempre a pensar naquilo que é preciso comprar. Há sempre qualquer coisa que é preciso, sapatos calças.

Mas acha que tem mais jeito que o seu marido, é isso?

Tenho mais sensibilidade, o «João» tem menos noção daquilo que fica bem. Ele só agora é que começou a escolher a roupa dele. Porque a mãe é que sempre lhe escolheu a roupa. Ele nem ligava. Tanto que quando nos casámos eu é que tinha que lhe escolher a roupa, mesmo assim está um bocadinho melhor. Mas não escolhe a roupa do «Bruno», tanto que se eu for viajar pelo trabalho, tenho que deixar a roupa a jeito, para cada dia combinada por cores... Ele só gosta de azuis e castanhos. Tanto que ele não gosta nada que eu compre roupa cor-de rosa para o «Bruno». Porque eu as vezes gosto de comprar assim com pequenos pormenores rosa, uma risca na camisa, mas ele não gosta muito, então evito. Ele não liga muito à roupa, só não gosta de roupa cor-de-rosa e olha mais para os preços. Está sempre a prestar atenção nessas coisas. Tanto eu quando quero comprar alguma coisa mais cara não compro com ele, compro sozinha.

Estou mesmo a ver que gosta de comprar roupa para o seu filho?

Adoro!! É como já lhe disse, fico entusiasmada. Gosto de ver o vestuário, e mesmo assim hoje em dia os meninos já têm mais opções, porque às vezes é difícil encontrar roupa engraçada para os rapazes que não seja sempre igual, mas até já pensei que se tiver uma menina nessas coisas é mais giro, elas tem mais opções.

Há mais vestuário destinado às meninas?

Sim sem dúvida, as meninas podem vestir vestidos e saias, e depois podem vestir calças e calções. Os meninos não. Só vestem calças e calções, pólos.

Mas olhe sabe que agora que fala nisto, tem graça, é que em muitas das idas aos centros comerciais, comecei a perceber que vou sempre às lojas das crianças, comprar roupa para o meu filho. Eu que gostava tanto de comprar roupa pr'a mim, deixei de o fazer com tanta frequência e vou antes comprar roupa para o «Bruno». Agora ando sempre a pensar no que é que ele precisa, não é só por uma questão de achar giro é também por uma necessidade como já referi, eles estão sempre a crescer. É entrar no centro comercial para o meu filho.

E quando se dirige a uma loja, procura logo ver a roupa que é para menino?

Sim, vou logo para a secção dos meninos.

Mas nunca comprou roupa para o «Bruno» na secção contrária?

Até já comprei, não muita coisa, tenho um casaco que não se nota que é de menina, e até era giro.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

Eu visto mais vezes, mas ele nisso também veste. Mas sou eu que escolho sempre já sabe, mas mesmo assim ele está melhor.

E quais as peças de roupa com que mais veste o seu filho?

Tanta coisa: calças, macacões, calções, assim para o dia-a-dia, mas nem é das coisas que mais gosto, camisa, pólo...

E quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria o seu filho?

Ah! Saias e essas coisas, não lhe vestiria um vestido, seria ridículo...

E utiliza acessórios?

Boné às vezes, mas de resto não utilizo mais nada, nem gosto de usar pulseiras ou fios no «Bruno», às vezes essas coisas caem um bocado no ridículo.

E cores?

Eu gosto de vestir o «Bruno» com cores alegres: Azuis, laranjas, verdes, castanhos, é aquilo que já lhe tinha dito, até gosto de ver os meninos com pormenores cor-de-rosa, embora evite como ele não gosta.

Portanto se tivesse que dizer quais as cores com que nunca vestiria o seu filho?

O cor-de-rosa, nunca vesteria o meu filho todo dessa cor.

Acha que a roupa que veste ao seu filho seria possível ser vestida por um menina?

Ah, não. É uma roupa muito de homem não é, não é que pudesse, mas as meninas ficam mais engraçadas de vestidos e saias, ou mesmo de calças, mas a roupa é diferente. Se eu tivesse uma menina andava de saia de certeza.

Acha que a roupa poderá transparecer a personalidade do seu filho?

Não tanto a do meu filho, mas a dos pais. A dos pais sim.

Recorre a algum tipo de simbologias ou padrões para vestir o seu filho?

As riscas nas camisas, o normal. Mas coisas com animais uso muito, sobretudo com peixes, o «Bruno» adora peixes então.

Acha que no caso do seu filho estar com vestido poderia ser gozado pelas restantes pessoas?

Tem que se ter cuidado com essas coisas.

Vestiria o seu filho com uma peça de roupa que tivesse a *Barbie*?

Se ele pedir.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Não isso não. Mas quando vemos uma menina digo-lhe: «olha uma menina tão gira»

Procura vestir o seu filho à imagem do pai?

Às vezes conjugo a roupa entre o pai e o avô. Quando há uma festa ou vamos jantar tento vestir roupa parecidas, com as mesmas cores de camisa, para estarem a combinar.

4.2. Entrevista pai – Ep4

Quem compra com mais frequência a roupa para o seu filho? O pai ou a mãe?

A mãe.

Acha que tem mais apetências para escolher roupa para o seu filho do que o seu marido, ou o contrário?

Sim.

Porquê?

Ela gosta mais, não tenho muito jeito.

Gosta de comprar roupa para o seu filho?

Não.

Quando se dirige a uma loja, procura logo identificar a roupa que é para menina e para menino?

Não tanto isso. Faço uma selecção por preços, procuro alternativas, procuro tamanhos.

Já comprou roupa para o seu filho na secção contrária ao seu sexo?

Não.

Quem veste o seu filho de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

É indiferente, depende da disponibilidade. Mas diria que a mãe 70% das vezes, o pai 30%.

Quais as peças de roupa com que mais veste o seu filho?

O baby-grow e calças.

Quais as peças de roupa com que nunca vestiria o seu filho?

Um vestido.

Utiliza acessórios de vestuário no seu filho?

A mãe é que faz esse lado.

Há algum tipo de acessório que jamais usaria no seu filho?

Florezinhas.

Quais as cores das peças de roupa que compra para o seu filho?

Azul, castanho, laranja.

Quais as cores com que nunca vestiria o seu filho?

Rosa.

Não gosta?

Não gosto nada de ver o «Bruno» com essa cor. A «Teresa» gosta mas eu não.

Acha que a roupa que veste ao seu filho seria possível ser vestida por um menino? Ou acha que só um menino poderia vesti-la?

A roupa é de menino.

Acha que no caso de vestir o seu filho com um vestido cor-de-rosa ele seria gozado pelas restantes pessoas?

Sim, havia uma disparidade.

Vestiria o seu filho com uma peça de roupa que tivesse a *Barbie*?

Não, é mais com carros e com animais, peixes, ele gosta muito.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Não.

Procura vestir o seu filho à sua imagem?

Sim, claro.

5.1. Entrevista mãe – Em5

Falando do vestuário da sua filha... Quem compra com mais frequência a roupa para a «Beatriz»? O pai ou a mãe?

Normalmente sou. Gosto mais de ir às compras, de comprar roupa, escolher os acessórios e fazer os conjuntos. Também tenho mais jeito pr'a isso que o «João». Ele não gosta muito, fica meio perdido no meio das lojas.

Acha portanto que tem mais apetências para escolher roupa para a sua filha do que o seu marido?

Sim, sem dúvida.

E gosta?

Sim, acho mesmo giro. A verdade é que me divirto a comprar porque depois também a gosto de ver vestida. Com pormenores bonitos.

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar e diferenciar a roupa que é para menina e para menino?

Hum... nunca tinha pensado bem nisso. Acho que é uma coisa natural. Vou logo pr'a secção que quero.

Então nunca comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Não... é verdade que há coisas, ali numa determinada idade, que dá pr'ós dois. Mas depois eles vão crescendo e as roupas tornam cada vez mais diferentes.

Nota essas diferenças com avançar da idade é?

Sim, sim. Quando são bebés ainda há coisas parecidas, os baby-grow às vezes dão para as meninos e pr'os meninos, tem cores neutras, mas depois começa-se a notar cada vez mais diferenças.

Falou-me em cores neutras...

Sim, verdes, amarelos, castanhos, mesmos os azuis dão muito pr'às meninas. Eu por exemplo gosto muito de ver a «Beatriz» de azul, acho que lhe fica bem, é uma cor bonita, harmoniosa.

E o cor-de-rosa?

O cor-de-rosa normalmente é para as raparigas. Podia-se vestir um menino de rosa mas podia ser confuso. Não sei, mas acho que depois podia-se confundir os meninos com as meninas, assim é mais fácil, não sei. às vezes são modas, mas o cor-de-rosa é as meninas.

Então se tivesse um filho não o vestiria dessa cor?

Hum... eu até não desgosto de ver um homem com uma camisa cor-de-rosa, aquele tom assim claro, um pólo talvez, mas não faria questão disso. Gosto mais de ver as meninas de cor-de-rosa. Eu por exemplo acabo por comprar muitas coisas para a «Beatriz» em rosa, violeta, cereja, também porque quando vou a uma loja normalmente existe muita coisa bonita nessa cor para as meninas, com flores, pormenores bonitos, é uma tentação. Se bem que eu também uso outras cores.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

Somos os dois. Nisso tem que ser porque ambos trabalhos, saímos cedo de casa, normalmente eu escolho a roupa, mas ambos ficamos com essa tarefa.

E nessa escolha a «Beatriz», tem alguma opinião a dar, demonstra alguma preferência?

Sim, sobretudo porque agora já é grandinha, na escola com as amigas já começa a perceber o que se usa, com os bonecos animados, a televisão, já capta tudo o que se usa ou não. Logicamente que faz as suas exigências. Quando vamos às compras eu já lhe pergunto, é normal que com o avançar da idade isso aconteça. Claro que depois quem tem a decisão final sou eu, o pai e a mãe, mas ela às vezes gosta muito de um casaco depois pede pr'a vesti-lo constantemente, já se sabe.

E quais as peças de roupa com que mais veste a sua filha?

Diria que tudo: vestidos, saias, calças, calções, também gosto de macacão ou jardineiras no verão fico muita giro, casacos, camisas... sei lá que mais...

E quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria à sua filha?

Acho que nenhuma. Só se for sapatos que tenho assim uma cunha um bocadinho pró alta, isso não gosto muito, mais sapatos rasos, ela tem tempo depois de usar saltos.

Em relação aos acessórios, utiliza na «Beatriz»?

Ah sim, gosto muito dos ganchos pr'a lhe prender o cabelo, é o que utilizo mais, depois os colares, as pulseiras, as carteirinhas. Depois no verão utilizo chapéus de palha, ela fica muita gira, toda vaidosa, com um ar todo catita.

E há algum tipo de acessório que jamais usaria na sua filha?

Não, não estou a ver nenhum.

As cores? já me tinha dito algumas...

Todas... cores vivas, animadas. Os rosas, os azuis, vermelho. No verão cores mais garridas, no inverno acabam por ser mais neutras, castanho, bege...

E quais as cores com que nunca vestiria à sua filha?

Hum... preto, ficaria demasiado pesado, isso não.

Acha que a roupa que veste à sua filha seria possível ser vestida por um menino? Ou acha que só uma menina poderia vesti-la?

A roupa da minha filha tem um estilo muito feminino, não podia vestir um rapaz da mesma forma, ficaria estranho.

E alguma vez recorreu a simbologias das princesas da *Disney*, da *Barbie*, ou ainda de outra figura feminina animada?

Não, não gosto muito, isso é mais nos materiais pr'a escola, no estojo dos lápis de cor ou assim. Na roupa não gosto muito de ver, acho que fico um pouco piroso, depende da peça. Mas gosto da roupa com bonecos ou flores, assim um animal, com borboletas ou joaninhas, isso acho mais giro.

Diria que o da roupa da «Beatriz» é...

Feminino assim descontraído.

Sente que poderá vestir a sua filha à sua própria imagem?

Não, tento que ela tenha uma roupa própria para a sua idade. É claro que é normal que às vezes se note parecenças, sobretudo no verão com os vestidos. Mas a roupa dela é muito de menina por isso.

5.2. Entrevista pai – Ep5

Falando do vestuário da «Beatriz», quem compra com mais frequência a roupa para a sua filha? O pai ou a mãe?

Normalmente é mais a mãe.

Acha que a sua esposa tem mais apetências para escolher roupa para a sua filha, é por isso?

Ela gosta mais, sim.

Gosta de comprar roupa para a sua filha?

Gosto mas não tenho muito jeito.

E quando se dirige a uma loja, procura logo identificar a roupa que é para menina e para menino?

Sim, mas facilmente me perco.

Já comprou roupa para a sua filha na secção contrária ao seu sexo?

Não, eu também não compro muita.

E quem veste a sua filha de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

Em geral somos ambos, depende dos horários de cada um.

A sua filha, de alguma forma, escolhe a roupa dela ou demonstra já ter algumas preferências?

Sim, ela já bate o pé quando quer uma coisa.

E em relação ao guarda-roupa da «Beatriz», quais as peças de roupa com que mais abundam?

Vestidos e saias.

E quais aquelas peças de roupa com que nunca vestiria a sua filha?

Acho que nenhuma.

E acessórios, utiliza?

Ganchos.

Algum tipo de acessório que jamais usaria na sua filha?

Acho que nenhum.

E cores?

É tudo muito colorido, azul, cor-de-rosa, castanho.

Alguma cor que não gostasse de ver na «Beatriz»?

Hum... preto não gostava muito.

Acha que a roupa que veste à sua filha seria possível ser vestida por um menino? Ou acha que só uma menina poderia vesti-la?

Acho que só uma menina.

Portanto no caso de ter um filho, não o vestia de igual?

Não, isso não, acho que não ficaria muito bem.

Não ficaria bem porquê? Sabe-me descrever?

Porque a roupa da «Beatriz» é muito feminina. Vestidos num menino não ficava muito bonito.

Então o estilo de roupa da sua filha é feminino?

Sim, é feminina

Sentiu alguma dificuldade em responder sobre este tema?

Sim, tive, as vezes fico sem saber o que responder.

6.1. Entrevista mãe – Em6

Relativamente ao vestuário do seu filho, consegue descrever o guarda-roupa dele?

Sim claro, parece-me bastante fácil. Tem o normal de um rapaz na idade dele: calças, de ganga, de tecido, calções, camisas, pólos, camisolas de lá pr'ó inverno e os casacos. Depois no verão são mais as t-shirts.

Quem faz a escolha?

Normalmente sou eu, há sempre aquelas coisas que oferecem claro, mas sou eu que geralmente vou às compras, que ando a ver o que aparece nas lojas com as novas colecções.

Vai sozinha ou com o «João»?

(Risos)... Na maioria das vezes sozinha, passo numa loja, vou vendo as coisas. Depois quando vou comprar no início da estação, que compro mais roupa, ele vêm comigo, ajuda-me a escolher em função dos preços, daquilo que faz falta. Eu vejo o que é preciso, mas gosto mais de fazer a conjugação das peças. Claro que ele depois perde-se um bocado e vai ver outras coisas.

Acha que tem mais apetências para escolher roupa para o seu filho por ser mulher?

Gosto mais e isso acaba por ser crucial. Claro que depois tomo mais atenção à roupa, estou mais a par daquilo que se usa e que está na moda. Para o «João» torna-se difícil, não gosta muito de ir comprar roupa, perde-se

E quando se dirige a uma loja, procura logo diferenciar a roupa que é para menina daquela que é para menino?

Sim, é normal que isso aconteça. Acho que nem é uma coisa que pense muito.

Já comprou roupa para o seu filho na secção contrária ao seu sexo?

Quando ele era mais pequeno sim. Há peças de roupa que não se distinguem. Olha por exemplo os collants no inverno que ele usa por baixo das calças, ou dos calções, tanto dá pr'a menina como pr'a menino.

E quem veste seu filho de manhã com mais frequência, o pai ou a mãe?

Depende muito da disponibilidade de cada um, mas eu diria que sou mais vezes eu.

O seu filho, de alguma forma, escolhe a roupa dele ou demonstra já ter algumas preferências?

As vezes embirra com algumas peças, faz uma birra.

Há alguma peças que nunca vestiria ao seu filho?

Epá!! vestidos e saias não. No carnaval nunca se sabe.

Mas se tivesse uma filha vestia-lhe saias e vestidos ou não?

Claro que sim, se tivesse uma filha acho que estava sempre de vestidos, maioritariamente. Então vestidos e saias são peças de roupa femininas, se as vestisse no meu filho poderia ser mal visto, não é.

E acessórios utiliza no seu filho?

Chapéus no Verão, às vezes uma pulseira de ouro numa ocasião especial.

Há algum tipo de acessório que jamais usaria?

Acessórios femininos não utilizaria, não.

Tais como?

Colares, ganchos, é assim tudo o que é enfeites de cabelo, as fitas, os totós... são coisas muito femininas.

Em relação às cores, alguma preferência?

Gosto muito de azul, fica-lhe muito bem, por causa da cor dos olhos. Mas utilizo castanhos, bege, verde, tons pastel gosto muito.

Alguma cor que não usaria?

Preto não, coitadinho. Mas de pois os rosas, violetas, roxo também não.

Acha que a roupa que veste ao seu filho seria possível ser vestida por um menina?

É uma roupa muito de menino, as meninas ficam muito melhor com outras peças mais femininas, mais bonitas. Aliás elas têm muito mais opções engraçadas para usarem, seria um desperdício vesti-las como os meninos. logicamente se eu tivesse uma filha não seria vestida da mesma maneira.

Recorre a que simbologias para vestir o seu filho?

Não muito, Às vezes um animal ou outro, mas utilizo mais riscas.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Não, isso também não.

Procura vestir o seu filho à imagem do pai?

Há semelhanças, claro que sim. Gosto muito de combinar a cor das camisas por exemplo, ficam os dois muito giros... quando vamos sair ou alguma ocasião especial.

Diria que não teve dificuldade em responder a estas questões?

Pareceu fácil.

6.2. Entrevista pai – Ep6

Falando do vestuário do seu filhos, consegue descrever quais as peças essenciais?

Calças sobretudo, camisas.

E quem compra com mais frequência e escolhe a roupa?

A mãe

Porque acha que isso acontece?

Ela gosta mais de fazer compras.

Mas o «João» não gosta de comprar roupa para o seu filho?

Não tenho muita prática, ela tem mais facilidade.

Já comprou roupa sozinho?

Não muito, normalmente acompanhado.

E quem veste o seu filho de manhã, o pai ou a mãe?

Somos os dois. É quem tem mais tempo.

E o seu filho, já parece ter algumas preferências?

Não, acho que não.

Existe alguma peça de roupa que nunca vestiria no seu filho?

Saias, vestidos, isso não.

E em relação aos acessórios, algum que também não quisesse?

Hum. Coisas para o cabelo.

Ganchos, bandoletes, é isso?

Sim isso, essas coisas não.

Mas há algum tipo de acessório que o seu filho usa?

Não.

Em relação às cores das peças de roupa que ela usa com mais frequência?

Azul, fica-lhe bem com os olhos.

Alguma que não gostava de ver no seu filho?

Cor-de-rosa.

Porquê? Não gosta da cor?

É uma cor feminina.

Então se tivesse uma filha não se importava que ela se vestisse de rosa?

Não. É uma cor de meninas por isso.

Portanto se tivesse uma filha não seria vestida da mesma forma em relação ao seu filho?

Não, a roupa do «Carlos» é de rapaz, se tivesse uma filha seria diferente.

Acha que a roupa poderá transparecer a personalidade do seu filho?

Sim, talvez mais a dos pais.

Recorre a que simbologias para vestir o seu filho, carros, animais talvez?

Animais, mas acho que não muito.

Vestiria o seu filho com os símbolos da *Hello Kitty* ou *Barbie*?

Mais uma vez, são símbolos de rapariga.

Alguma vez ensinou o seu filho que os meninos não vestem saias?

Ainda não.

Qual o estilo de roupa com que veste seu filho?

Não sei, normal de rapaz.

Desportivo, masculino, clássico, descontraído?

Sim.

Procura vestir o seu filho à sua imagem?

A «Sandra» é que escolha a roupa, mas é normal que isso aconteça.

Por último, sentiu alguma dificuldade em responder sobre este tema?

Sim, alguma. A «Sandra» domina melhor o assunto.